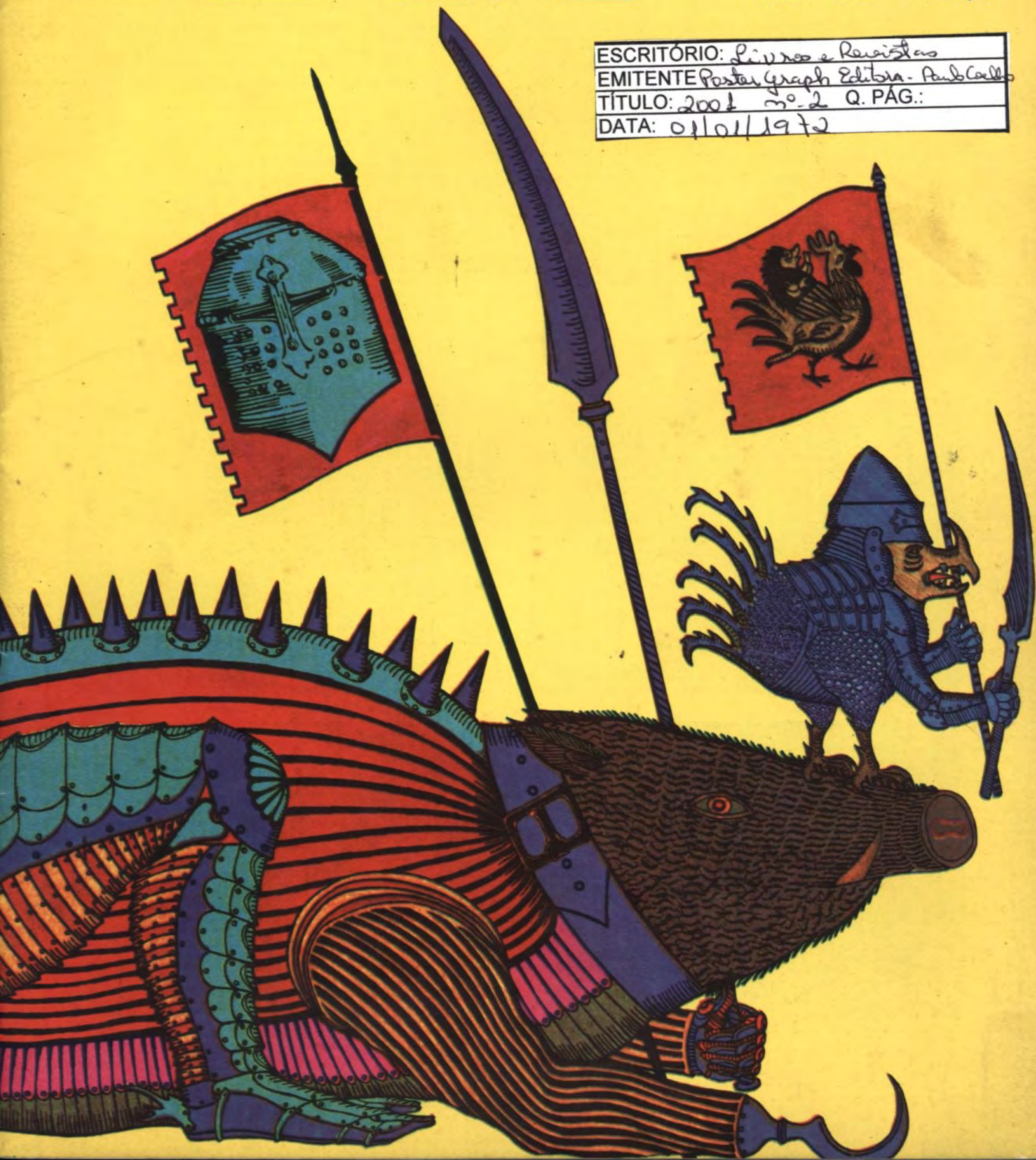


# 2001

MANUSCRITOS DO MAR  
MORTO-CARRO A VAPOR  
- WILLIAM BURROUGS -  
O OLHO DO BIG BROTHER  
**O APOCALIPSE**

ano I nº 2 cr \$ 4,00

ESCRITÓRIO: <i>Livros e Revistas</i>
EMITENTE <i>Poster Graph Editora - Paulo Celli</i>
TÍTULO: <i>2001 nº 2 Q. PAG.:</i>
DATA: <i>01/01/1972</i>





Quantas conversas você já perdeu por não sacar telepatia? Quantas transas, quantas coisa e tal você já deixou passar por não captar o momento certo? Por outro lado, muitas vezes você também já deve ter sentido fluídos telepáticos, mas preferiu não acreditar, atribuindo tudo ao acaso. Agora, com este baralho, você poderá determinar, cientificamente, o seu potencial telepático



conseguindo estar, ao mesmo tempo, na sua e na dela (ou na dêle). Composto por 25 cartas, o baralho de telepatia foi encucado e testado durante muito tempo, até que seu resultado pudesse ser divulgado. Simplícimo em sua estrutura, êle tem sido utilizado em todo o mundo pelos pesquisadores do assunto.

Pedidos pelo reembolso - C.P. 15065  
Preço com manual de instruções: Cr\$ 10,00

## VOCÊ É UM TELEPATA E NÃO SABE





# 2001

Editor Responsável  
**Paulo Coelho**

Editores  
**Adalgisa Rios**  
**Aristides Albuquerque**

Diretor Administrativo  
**Carlos Hamilton Rocha**

Produção  
**Eduardo Prado**

Fotografia  
**Claudio Fortuna**

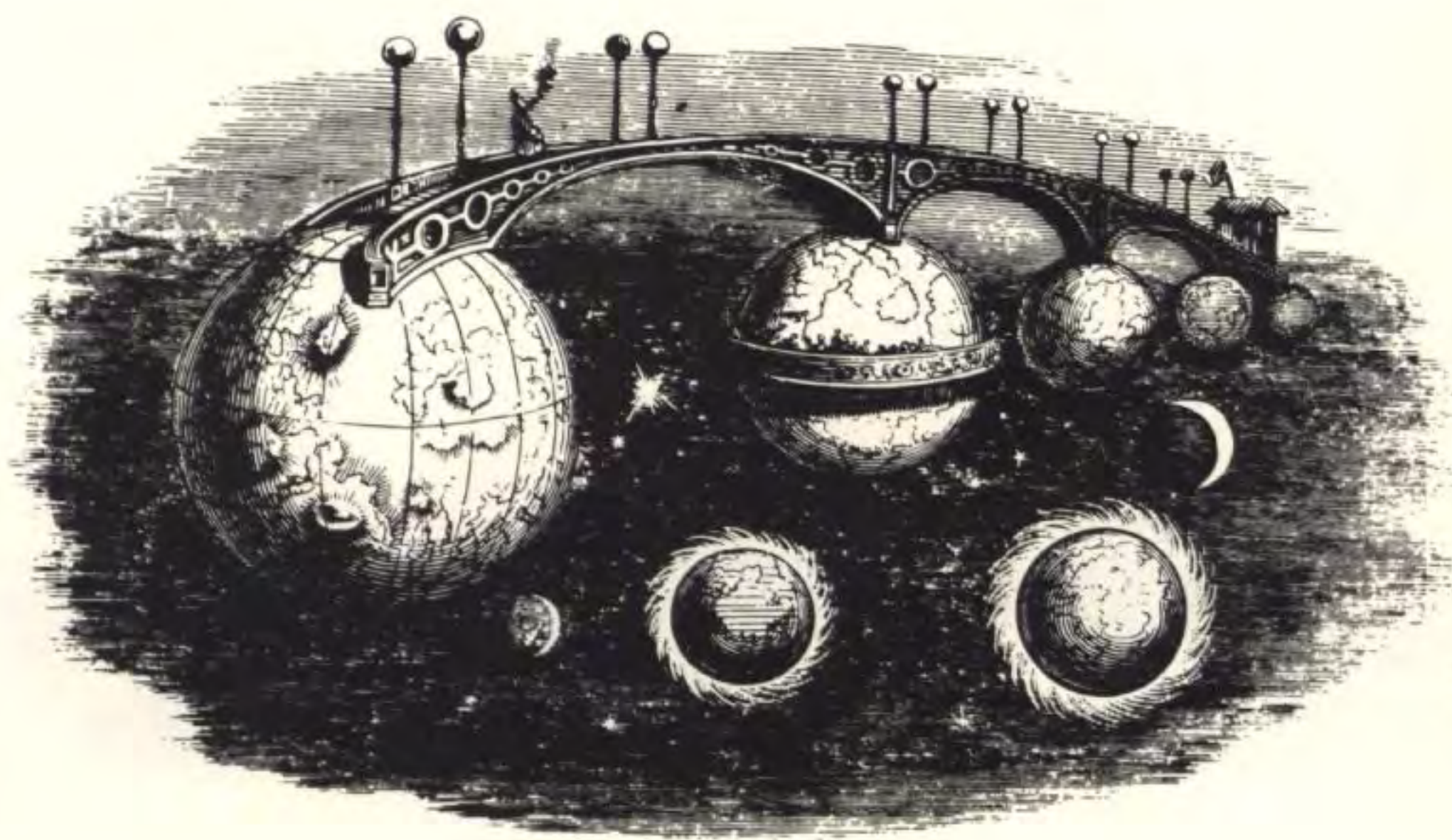
Colaboraram neste número:

**Elvira Vigna, Antonio Henrique Nietzsche, Vera Richter, Erasmo de Rotterdam, Machiavel, Silvia Santos, Marcos Maciel, Ernandes Nunes Fernandes, Matilde M. Albuquerque, José Antonio Domingos, Otto Kragler, Pe. Antonio Guiglelm, David Weissman, Elizabeth Ritto, Raul Seixas, Mauro Sá Rêgo Costa, Osvaldo Henrique.**

2001 é publicada mensalmente pela POSTER GRAPH EDITORA Ltda. Redação e publicidade: Rua Álvaro Alvim 33/37, grupo 1013 - Rio de Janeiro - Tel.: 232-8637 Caixa Postal: 15.065 - Redator Responsável: Paulo Coelho. Os originais não solicitados, submetidos à redação de 2001, não serão devolvidos. É proibida a reprodução total ou parcial de textos e fotografias, sem permissão por escrito dos editores. Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos colaboradores. Preço do número avulso: Cr\$ 4,00.

**Distribuição:** para todo o país pela Fernando Chinaglia Distribuidora S/A. Rua Teodoro da Silva, 907 - Tels: 258-4848 e 258-5155 - Rio de Janeiro - GB.

Impresso pela Gráfica Editora Vozes.



## SUMÁRIO

Editorial	pg 4
Capitão Amerika vs. William Burroughs	pg 8
Sexo Grupal	pg 14
O JUIZO FINAL	
Apocalipse: um livro circunstancial	pg 18
Os sistemas da cólera de Deus	pg 19
O número e seus múltiplos	pg 20
Album do Juizo	pg 23
O olho do Big Brother	pg 28
Manuscritos do Mar Morto	pg 32
Quadrinhos	pg 35
Tecnologia da Auto-Ajuda	pg 39
Os Livros Proibidos do Nilo	pg 42
Conto	pg 45
Astronomia	pg 47
Carro do Futuro	pg 48
Desenho	pg 50



## CONFISSÃO

Eu pecador me confesso que andei sentado durante muito tempo. Que pensei em coisas certas mas por caminhos errados. Que fumei, bebi e comi comida enlatada. Que preciso escovar os dentes todo dia senão o dente cai. Que jamais em tempo algum me preocupei com a Arte de Fazer Chuva ou com O Método de Compreender a Pedra. Que acordava quando não tinha vontade de acordar — através de um mecanismo diabólico por Mim criado, o despertador — e ia dormir as vezes sem o menor prazer, mas porque precisava dormir, precisava apenas eliminar o cansaço de meu corpo.

Eu pecador me confesso que muitas vezes abandonei o mundo da fantasia em prol de descanso para meu corpo. Que muitas vezes abandonei o mundo da Alucinação por causa do dia seguinte. Que muitas vezes abandonei o caminho da compreensão verdadeira porque gostava de tudo que estava acontecendo, nada mais era necessário e muito menos a Compreensão Verdadeira.

E na categoria dos crimes graves, eu pecador me confesso de ter em meu corpo o pecado mortal do silêncio. O pecado mortal da incompreensão. O pecado mortal da fragmentação interna. O pecado mortal da cobiça. O pecado mortal da auto-destruição. E o pecado venial do Radicalismo.

Absolvi-me, Senhor, destes pecados, e de tudo mais o quanto eu falei e escrevi.

## Visão do Panorama — II

Foi preciso que um dia eu parasse, porque não aguentava mais e então decidisse abrir a torneira. Mas para isto foi preciso que acontecessem coisas suficientes para eu não aguentar mais.

Eu falo por um motivo muito simples: porque não posso mais suportar.

Mas as vezes eu falo muito, e tenho que ficar calado algum tempo.

As coisas saíram todas de uma vez, é preciso semear de novo, e esperar a colheita.

Não se preocupe com o tempo do crescimento. Saiba apenas que você vai colher um dia, e o ciclo se repetirá sempre.

Saiba destas coisas simples, que te ajudam a conviver contigo mesmo.

Saiba que é com um pouco de tudo, até mesmo de fórmulas.

E te orienta através das coisas certas e das coisas erradas, com o instrumento de precisão que é o Acaso.

Se houver vontade de confessar, confessa. A confissão é a expressão mais pura da Vontade de Confessar.

Se houver vontade de beber água, sacia tua sede. A água é a expressão mais pura da Sede.

As vezes eu converso comigo mesmo. Nestas horas eu sinto uma vontade imensa de dormir, mas é preciso conversar comigo mesmo.

Ou então eu penso: "Mas eu já folheei tudo, e não consegui encontrar!"

Não é verdade. Chegou o momento, os frutos estão maduros.

É preciso fazer a colheita ou os frutos apodrecerão.

Eu não pertenço a geração da Espada, nem à geração da Flor.

Eu não domino minha vontade, porque eu quero parar de fumar e não consigo.

Eu realmente dependo de telefone e livros para ler.





## A FALA

Tu és assim mas agora ouve. As tuas mãos possuem poder, podes electrocutar um gigante com elas. Mas as tuas mãos estão vazias, e todas as mãos estão vazias no mundo. Menos as Mãos Amadas.

As Mãos que se amam estão se tocando neste instante, em todos os lugares do mundo.

Eu falo com você uma linguagem bem simples, dialética do conhecimento misturada com cafonice de escola de samba no Leblon.

Eu sou lírico, porque sei que o lirismo fala à tua alma. Porisso te falo nas mãos que se amam. Irmãos, amantes, pais.

As mãos que se amam e se apertam, e as mãos que se amam e se estrangulam. As mãos que te conduzem e as mãos que te puxam para o abismo. Porque o amor não é suficiente para escolher a mão certa.

Cristo disse: "Amái-vos uns aos outros". Mas não explicou o que fazer com o ódio.

Eu tenho vivido neste tempo.

Tenho olhado as pessoas que me cercam, tomado o mesmo ônibus que elas, jantado no mesmo restaurante que elas frequentam.

Eu tenho vivido entre pessoas que me amam e me odeiam. Portanto, eu também tenho amado e odiado.

Tenho escolhido aquelas pessoas e julgado inocentes e culpados.

Eu tenho vivido neste tempo.

Entre pessoas que me dizem que se eu comprar aquela geladeira vou ter felicidade o ano inteiro.

Entre pessoas que abusam da minha fé nelas, e me apunham pelas costas.

Entre pessoas que não gostam de mim.

Eu tenho vivido num tempo difícil de caminhar pelas ruas sem que alguém largue todas as preocupações cotidianas e venha me ofender.

De pessoas que não gostam de mim porque uso cabelos compridos.

Mas eu tenho julgado, Senhor. Eu tenho distinguido entre inocentes e culpados, cada pessoa que se aproxima de mim durante o dia está passível de meu julgamento.

E senhor, os inocentes são absolvidos.

Mas eu CONDENO os culpados.

Dai-me forças para aplicar as penas.

No Princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus.

O sujeito. O Verbo.

E o segredo do homem repousa numa simples fórmula de análise sintática.

## ALOCUÇÃO FINAL

Não foi possível falar do Panorama. Porque ele era imenso dentro de mim.

Não foi possível falar do amor e do ódio, porque ambos são imensos dentro de mim.

Não foi possível nem falar da luz, do povo, da Revolução.

Não foi possível

Não foi sequer possível falar de mim.

Porque se voce chegar perto de uma bomba do momento da explosão voce é um homem condenado à morte. Eu estou desorientado, eu não disse nada, e é isto que vai me fazer explodir.

Na explosão eu dou um salto.

Eu não sei o que fazer, mas sei o que já me fizeram.

Eu não sei o que dar, mas sei tudo o que me deram.

Porisso escutem a sério todas as minhas palavras, eu sou o Mito da Época, vocês não conseguirão se libertar de mim e terão que aturar todos os meus efeitos maléficos.

Cuidem-se. Eu sou o Jovem.







**CAPITÃO**

**AMÉRICA**





**X WILLIAM  
BURROUGHS**





**DECISÃO DA SUPREMA CORTE DO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA A RESPEITO DO LIVRO DE WILLIAM BORROUGHS CHAMADO "O ALMOÇO NÚ"**

O livro foi julgado obsceno pela Corte Superior, G. L. c. 272, §§ 28C, 28E, 28F.

A Suprema Corte acredita que, para justificar sua decisão, tres elementos podem ser levantados:

- a) o livro afronta diretamente os padrões da sociedade lascivo interesse em sexo.
- b) o livro afronta diretamente os padrões da sociedade contemporânea.
- c) o material é completamente sem nenhum valor social.

Conquanto o livro não possua reconhecidamente nenhum valor redentivo social, os arquivos do julgamento contém uma série de publicações discutindo seriamen-

te um livro que narra apenas as alucinações de um viciado em drogas. Embora não estejamos prontos a modificar nossa maneira de encarar o problema, não podemos ignorar a opinião de tantas pessoas dentro da comunidade literária. Entretanto, cabe dizer que a questão não é apresentada desta forma (vide Allen Ginsberg vs. United States, 383 U. S., 463,467-476).

O decreto final, portanto, é revisto e está para ser declarada uma nova decisão, (não considerando que o livro tenha sido explorado comercialmente, para fins jurídicos) a fim de que o livro perca sua conotação de "obsceno". O novo decreto final não prejudicará os procedimentos e sanções já efetuados com relação a publicidade, edição ou distribuição do referido livro.

Assim ordenado.

**GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**

(passamos a transcrever agora as partes principais do julgamento de Naked Lunch).







**A Corte:** Sr. Norman Mailer, aqui depondo a favor de William Bourroghs, V.S. já tinha lido algum livro do referido autor?

**Norman Mailer:**

Eu li "Junky" (Porcaria, mas também significa o viciado em heroína). E gostei. Uma espécie de falsa novela. Ele escreveu porque precisava de dinheiro. Fez muito bem. Bem escrito. Pequenos trechos deste livro aparecem em O Almoço Nú, como um dos temas. Mas ao ler O Almoço Nú, eu tive o pressentimento de que esta obra apresenta um grau de complexidade que eu não desejaria comparar com o Ulisses, de Joyce, mas eu não consigo me abster disto. O Almo-

ço Nú é um livro que necessita se consideravelmente estudado. Ao lê-lo pela segunda vez senti mais e mais os propósitos gigantescos do livro. Antes eu pensava que era apenas mais uma obra bem escrita, mas este homem tem um estilo extraordinário. Acho que ele consegue captar a beleza ao mesmo tempo que o vício, o insignificante junto com o mágico. Tudo isto numa linguagem ordinária, de criminosos, atletas e junkies. Existe determinado fenômeno que eu não sei explicar bem, mas que se parece com uma goteira que constantemente cai com o mesmo incisivo e dramático ruído. Borroughs capta este fenômeno

como nenhum escritor americano consegue captar. E isto me inspira um certo respeito.

**Edward**

**De Grazia:**

Sr. Mailer, o enquanto o sr. falava, houve uma breve referência do Assistente da Procuradoria sobre a nota a que William Borroughs se refere como base de O Almoço Nú. Nestas notas ele diz que não se lembra da maior parte das coisas que escreveu. Poderia o Sr. nos falar a respeito deste processo de criação?

**Mailer:**

Sim, eu me lembro de ter lido isto no começo do livro. A partir daí comecei a pensar no processo de escrever. Sempre que você acorda de manhã e come-







ça a escrever, passa por uma estranha experiência: você está escrevendo aquilo que **não pensou**. O trabalho foi feito enquanto você dormia; e a disciplina de escrever consiste em guardar, sem interferir conscientemente, esta criação espontânea.

**A Corte:** De que forma Burroughs escreveu o livro?

**Mailer:** É uma pergunta que só ele saberia responder, e eu não sei como fazê-lo. Desde que, porém, este homem se confessa um viciado em drogas, eu penso que alguma coisa de extraordinário está para acontecer aqui. É possível que ele tenha escrito em 3 fases, e isto está em qualquer parte do livro: enquanto se dedicava ao vício, enquanto se retirava, e já fora da dependência. Além disto, não consigo mais formar nenhuma idéia a respeito da criação de "O Almoço Nú". O conteúdo é excepcional, como um banquete para 30 ou 40 pessoas. Você come sem ordem alguma.

Os temas são profundamente enroscados — qualquer página colocada junto de outra cria imediatamente uma estranha aura.

**Corte:** Antes você mencionou o consciente e o subconsciente. O Sr. acha que uma das tarefas mais importantes do escrito é estar apto a invocar material subconsciente e dar a isto uma forma artística, e uma vez que tudo isto esteja em ordem, fazer sua contribuição para a sociedade? E se for assim, Burroughs está se saindo bem?

**Mailer:** Eu não costumo contar tudo que penso.

**Corte:** Então perguntaremos de outra forma. O Sr. acha que ele escreveu este livro inconscientemente, mas quando as coisas surgiram foram arrumadas de forma artística tornando-se únicos e úteis?

**Mailer:** Não só únicas e úteis, mas com o maior significado social. O livro é um retra-

to do inferno, e o inferno é importante para a humanidade.

**p.** — Você tem as anotações consigo?

**r.** — Sim, tenho.

**p.** — Pode lê-las.

**r.** — Bem, nestas notas eu disse...

**p.** — A propósito, quando foram feitas estas notas?

**r.** — Eu as escrevi num domingo, mas antes já havia escrito a respeito de William Burroughs. Tornei a escrever sobre ele há uns dois anos.

**p.** — Prossiga, sr. Mailer.

**r.** — William Burroughs na minha opinião é um homem religioso — seja qual for sua intenção consciente. Em *O Almoço Nú* existe um sentido de destruição da alma que não se encontra em nenhuma outra novela moderna. É uma visão de como a espécie humana agiria se fosse separada de toda noção de eternidade. Burroughs evita qualquer possibilidade de semelhante sentimento (o que poderia destruir todo o valor de seu trabalho) usando um vocabulário mordaz numa série de eventos precisos e horrorosos. É a espécie de humor que nasce na prisão, nos exércitos, no meio da bagunça. Este é um tipo de humor morto. Amargo que nem soda cáustica. Assim como Hieronimus Bosch detalhava com delicadeza o diabólico e o sangrento, e deixava os presentes







sob o horror do inferno, assim Burroughs descreve detalhadamente o inferno, um inferno que talvez seja o produto final da revolução científica. No fim do remédio, está o neurótico. No fim da vida, a morte. No íntimo do homem talvez esteja o inferno, o qual brota da vaidade da mente. Nenhum livro é mais monstruoso que O Almoço Nú: gênios meios loucos, criminosos, pervertidos, ruínas, numa vaidade própria do ser humano.

Ficamos mais ricos com este livro, e estamos impressionados porque pode-se imprimir algo assim e vendê-lo abertamente numa livraria, legalmente. Isto até insinua que A Grande Sociedade, da qual Lyndon Johnson fala, não seja somente política, mas talvez tenha sede de verdade; porque uma sociedade ordinária não teria a bravura e a honestidade de encarar o inferno de O Almoço Nú. Mas uma sociedade não ordinária pode sentir o desespero e reconhecer os méritos de um escritor que consegue figurar o inferno e suas dimensões.

De Grazia — Eu não tenho mais perguntas a fazer.

De Grazia: Sr. Ginsberg, o sr. já leu o livro intitulado O Almoço Nú de William Burroughs?

Allem Ginsberg: Sim, li.

p. — Mais de uma vez?

r. — Sim, várias.

p. — Tenha a bondade de dizer, perante a corte, que importância tem o livro na sua opinião.

r. — Bem, há muitas idéias de importância social no livro. Uma idéia fundamental é a teoria do vício da heroína como modelo para qualquer outro vício, que não seja em droga. O livro se refere a droga como sendo

A Algebra da Necessidade. Outros vícios, os quais são mencionados no livro, são tratados dramaticamente — como o caso do homossexualismo, que é considerado por Burroughs como uma tendência viciosa, e o caso do acúmulo de bens materiais nos EEUU. A ganância é mencionada numerosas vezes. Também o desejo de poder e o desejo de controlar outras pessoas pela força. E assim através do livro, você pode ver as ilustrações dramáticas de personagens cuja única obsessão é controlar as mentes, corações e ações de outras pessoas.

p. — Você acha que o livro trata do controle de indivíduos sobre indivíduos, de instituições sobre instituições. Que classe de controle é esse?

r. — Controle político.

De Grazia — Com a V. permissão, meretíssimo, eu gostaria de ler uma

carta que Burroughs me escreveu não há muito tempo. "A pergunta: o que é sexo? é a pergunta do que é obscuro, impuro, não perguntado, muito menos respondido, precisamente por causa das barreiras de ansiedade que impedem nossa liberdade. Como se pode estudar isto se é proibido pensar em sexo? A não ser que seja permitido um livre exame do fenômeno, o homem continuaria a ser controlado pelo sexo antes de ser controlador. O que nós confrontamos aqui, é com um obstáculo que pode ser o término de superstições e medos medievais, a mesma barreira que controla a ciência natural por milhões de anos, mais com declarações que com exame e pesquisas. O mesmo método objetivo que tem sido aplicado na ciência natural deveria ser agora aplicado ao fenômeno sexual. Um médico não é agradável por descrever os sintomas de uma enfermidade, mesmo que os sintomas não sejam agradáveis. Eu acho que um escritor tem a mesma liberdade. Eu acho que chegou a hora de haver igualdade entre literatura e ciência.

Termino aqui a citação.







# SEXO

Eu me recuso a responder uma pergunta com tal formulação porque eu me recuso a aceitar regras ou leis que limitem a atitude criativa mais básica da vida e qualquer das duas respostas é castrativa.

Eu acredito que as pessoas relativamente livres na prática sexual descobrem em casa, com uma, duas ou dez pessoas, com seu próprio corpo, seu cérebro, "com as duas mãos e o sentimento do mundo", que podem criar, gozar a própria criação e se sentirem por um determinado espaço de tempo, com poder absoluto sobre as coisas.

Verifiquem que é possível.

Tal constatação no entanto é perigosa. A pergunta foi feita, mas foi feita por uma sociedade estruturada em princípios morais que nada têm a ver com os meios que ela utiliza para se mover. Além do mais ela mesma reúne todos os povos em um só e faz perguntas, não a um povo, mas a uma civilização.

Sexo continua sendo um pecado, porém de menor grau, deve ser cometido com descrição, às escondidas. Assim, o homem e a mulher continuam recebendo os ensinamentos dos tempos passados. Os homens devem se comportar como inteiramente livres (quando isto é possível a partir do momento que a mulher não o é) e as mulheres continuam sendo castradas desde a infância com o peso da própria virgindade, com as atitudes servís e passivas que lhe são impostas. O pecado não está mais no sexo em si, está na atitude criativa a que ele conduz. Quantas respostas vão encontrar para uma única pergunta? Que computador pode estabelecer tal linha de probabilidades?

A sociedade de consumo tenta então responder: Sim! sexo é consumo, equivale à sua escova de dente, seu carro, sua casa, seu casaco e seu emprego. Tem vantagens e desvantagens, traz dores e alegrias, custa muito ou pouco dependendo da qualidade, conservação e durabilidade.

Eu me recuso a aceitar tal conceituação. Ela saltou deteriorada do submarino enferrujado que cruzou os tempos. Procuro a minha resposta e nesta área não existe lei. Estabeleço as minhas normas, crio a minha lei, crio com outra ou outras pessoas um movimento, uma viagem, um domínio ou uma constatação. Aqui, agora, com toda a carga de condicionamentos e pressões que o meio me lança, eu procuro.



# GRUPAL

Magog

Impossível racionalizar, cada experiência traz um saldo e muitas respostas à vários tipos de problemas, cada situação exige um tipo de atitude.

Se você faz amor com seis pessoas são seis pessoas diferentes, com reações diferentes. A gente tem é que se situar na dança que é realizada, e assumir seu próprio corpo, seus movimentos, sua posição com relação as pessoas. Não é uma experiência mecânica, nela entra tudo que você é, querendo ou não. Você está nu e goza. Mas goza em cima de uma criação, um movimento que não foi pré estabelecido.

Uma experiência na qual você é o material e você cria o método. Nada existe em princípio além disto. Tudo passa a existir à partir do momento que você faz. Qualquer das pessoas pode recuar num determinado momento e abater um gesto maravilhoso que você esboçava, e você deve se situar também em relação a isto, continuar a própria dança.

No dia seguinte você vai se encontrar com as pessoas e seu comportamento está mudado. Você terá que verificar sua estrutura, seus conceitos, seus grilos com os outros e com você mesma, vai repassar muitas atitudes.

Há uma tendência forte em se gritar a altos brados: Sexo Grupal? Sim. E você pergunta: Você já fez? Não.

Pode-se fazer sexo em grupo cem vezes e ser legal e pode-se fazer outras cem vezes e não ser legal. Tudo depende do que cada um traz dentro de sí.

Mas eu me declaro a favor da procura em qualquer área, principalmente quando a pergunta é feita a uma civilização, ou melhor, as perguntas são feitas.

Acredito que duas perguntas vão mudar o raciocínio do homem do século XX; a primeira é Sexo, a segunda: Espaço.

Sim, o homem também se perguntou: sou capaz de conquistar o espaço? e se lançou em foguetes. E uma civilização se pergunta: Espaço? qual espaço? Não há filme que sacie mais esta necessidade e o homem vai procurar uma nova dimensão, vai assumir novas atitudes e criar uma nova cultura.

Eu acredito no nascimento de um novo tempo.





Editora Bonde/MEC



A BREVE HISTORIA DE ASDRUBAL, O TERRÍVEL é o início de uma série de livros de humor para crianças. Com êste lançamento, a Editora Bonde acredita estar contribuindo para a melhoria do mercado brasileiro de literatura infantil, que se encontra saturado de autores estrangeiros, cujas edições se arrastam pelas livrarias há mais ou menos meio século.

# EM TODAS AS LIVRARIAS

**OU  
PELO REEMBÔLSONO  
C P 14 667 RIO**

Livro infantil da psicanalista **FERNANDA LOPES DE ALMEIDA** - prêmio Jaboti de Literatura de 1971. Todo ilustrado a côres. 64 páginas. Formato de álbum. Cr\$ 10,00.



# EDITORA BONDE



"... então eu vi descer do céu um anjo. Tinha nas mãos a chave do Abismo e uma grande corrente."

Apocalipse, 20-1



# O JUÍZO FINAL



# APOCALIPSE: UM LIVRO CIRCUNSTANCIAL

por Antonio Guiglelm



Para compreendermos o contexto em que o Apocalipse se situa como livro sagrado, é preciso analisar bem a época em que foi escrito. Em que circunstâncias foi escrito o último livro da Bíblia? A palavra circunstância é muito bem aplicada no caso, porque o Apocalipse é um livro meramente circunstancial. Podemos usar um exemplo: se você tem um amigo que necessita uma palavra de conforto, você escreve a ele uma carta. Numa circunstância especial, você escreve uma carta de conforto a um amigo.

Algo semelhante acontece com o livro a que nos referimos. O Apocalipse é um livro que se refere apenas a Igreja Cristã de 96 D.C., época em que Domiciano ocupava o Império Romano.

Domiciano era irmão de Tito, que governou de 79 a 81 DC. Nesta época, os cristãos — apesar de não serem reconhecidos oficialmente e apesar do culto ser proibido — gozavam de uma certa liberdade em todos os cantos do Império. Os governadores provinciais faziam vista grossa para os rituais e para as reuniões. A ameaça do cristianismo ainda não tinha sido concretizada.

Domiciano manteve inicialmente a mesma política de Tito, mas no fim de seu reinado, por motivos que ainda nos são parcialmente desconhecidos, resolve encetar uma rigorosa perseguição aos seguidores de Cristo.

Imediatamente baixa-se um decreto e a repressão se desencadeia, mais violenta que nunca. O Culto ao Im-

perador torna-se lei vigente, e os que se negarem a isto serão presos e mortos.

A esta altura, os legados romanos da Germania, Gália e outras terras sob o domínio do Império se negam a colocar em vigor o culto a Domiciano. O Legado da Ásia Menor, porém, adota as medidas propostas pelo Imperador, e a repressão se concentra toda naquela área.

Surgem, então, as circunstâncias favoráveis ao aparecimento do Apocalipse.

Os cristãos do Primeiro Século já conheciam a mensagem de Cristo afirmando que eles venceriam o mundo. Como é que agora tudo se insurgia violentamente contra eles e contra a Igreja que o Salvador havia fundado, ameaçando de morte todos aqueles que continuassem trilhando Sua senda?

Consciente deste problema, círculos religiosos imediatamente começam a traçar planos de sobrevivência, e entre estes planos está a divulgação de manifestos afirmando uma vitória final. A classe sacerdotal da Ásia Menor encomenda a diversos autores a confecção de livros, em linguagem semelhante às dos profetas do Antigo Testamento, onde a mensagem de conforto, animo e esperança pudesse penetrar na alma daquele povo perseguido e manter unida a fé nas palavras do Cristo. Era preciso destruir a dúvida: se Cristo venceu o mundo com sua Morte, porque agora o mundo queria derrotar Cristo?

O livro do Apocalipse não foi escrito por João, como se acreditou até bem pouco tempo. A classe sacerdotal atribuiu ao apóstolo a fim de fornecer maior autoridade ao que estava escrito (isto acontece em vários livros da Bíblia, como por exemplo, algumas epístolas de Paulo, que foram escritas por outras pessoas mas atribuídas a Paulo para efeito psicológico nos fiéis). Inclusive vários livros iguais foram escritos nesta época, mas apenas o Apocalipse que nós conhecemos foi inserido na Bíblia por ser o único que não apresenta contradições ideológicas.

O gênero literário que os autores de 96 DC usam tem sua origem uns 300 anos antes, quando surgem nos meios judaicos os profetas.

Para enganar a repressão, os autores da farta "literatura apocalíptica" que surge na época utilizam-se de símbolos só compreensíveis pelos verdadeiros Iniciados. Assim, a deturpação das datas e nomes se referem exclusivamente a acontecimentos ocorridos durante o período de massacre imposto por Domiciano, e a situações de um futuro imediatamente seguinte a esta época. A palavra "Apocalipse", que em grego significa **Revelação**, é utilizada apenas com valor figurativo. Na realidade não se trata de uma mensagem transmitida diretamente pelo Cristo, mas isto é utilizado para dar autoridade a quem está escrevendo. A verdadeira mensagem do Apocalipse restringe-se especificamente a um momento histórico, onde os autores afirmam que os romanos vão perseguir, matar, torturar, mas no final que vai vencer é a fé.



# OS SISTEMAS DA COLERA DE DEUS

por Paulo Coelho



Há uma grande diferença entre adivinho e profeta. Adivinho é aquele que, pelos sinais ocultos da natureza, é capaz de estabelecer íntimas relações com o comportamento humano. Ao contrário, as manifestações proféticas se desenvolvem dentro de um clima inconsciente/sobrenatural, geralmente através de sonhos ou visões.

Apocalipse, em grego, quer dizer: Revelação. Num livro cheio de mensagens poéticas alucinantes, João procura descrever aquilo que hoje em dia chamamos "O Final dos Tempos". Acredita-se que o Apocalipse tenha sido elaborado entre 70-90 A.D., e tomando como base este período de tempo, surge a pergunta: seria o último livro da Bíblia um livro realmente profético, ou somos nós os responsáveis por tal rótulo?

Inicialmente, procuremos analisar sob o prisma histórico os fenômenos que aconteciam na época em que se acredita que o livro tenha sido escrito. Roma dominava o mundo, e o Cristianismo nem bem tinha nascido e ameaçava sucumbir. Cristo tinha trazido uma mensagem de fé, e não uma proposta de luta. Cristo falou, mas não previu a vitória final nem procurou lutar para que suas idéias fossem propagadas.

Surge nesta época de desintegração messiânica, uma vasta literatura que poderíamos chamar de "literatura apocalíptica". Seus autores procuravam incluir nos remanescentes cristãos a esperança e a certeza de que seriam vencedores um dia. Seguem passo a passo o estilo dos grandes profetas bíblicos (Daniel, Isaías, Joel), usam uma linguagem altamente dramática, panfletária, en-

quanto procuram camuflar o conteúdo perigoso (a repressão romana funcionava sem piedade) através de imagens que só poderiam ser compreendidas pelos iniciados.

O livro de João se enquadra perfeitamente dentro destes modelos que apresentamos. Se assim for, podemos considerá-lo como pelo menos a obra-prima da "literatura apocalíptica"

Mas existe hipóteses, a de que tudo que João escreveu lhe tenha sido realmente Revelado. De repente as portas dos Céus se abriram e lhe foi dado conhecer a História da Vida. De volta à Terra escreveu um livro onde guardou para toda a eternidade o funcionamento do Grande Mecanismo. A Revelação.

Neste caso, João, como a maioria dos grandes Profetas, foi muito mais além do que a simples previsão de tal ou tal fenômeno futuro. O Apocalipse não trata de fenômenos isolados, ou de diferentes épocas. Não é a história do Juízo Final, não é apenas isto. É o conjunto de tudo, é o Sistema aplicado a qualquer situação, é a História da Humanidade & seu Fim, mas é **ao mesmo tempo** A História de cada Nação, e a História de um Homem. O Apocalipse e as Grandes Profecias resumem em palavras o movimento físico do Universo.

O mal de todos os grandes intérpretes, porém, é pegar os Livros Proféticos e tentar traçar paralelos exatos com situações definidas. Porque qualquer paralelo que se trace dá absolutamente certo, e aí reside todo o erro. Erro porque cada um acha que está com a verdade, e termina descobrindo este trechinho aqui e

esta falinha ali que anula por completo a teoria dos outros e vem reforçar a própria tese. Todo mundo quer ser o grande champollion do Livro De São João, rotular imediatamente as imagens & relacionar as visões com situações sociais estabelecidas.

Mas o problema é que o Apocalipse não é uma mera descrição de fatos, e sim uma Metodologia, um Sistema pelo qual as coisas acontecem.

Este Sistema — cujas coordenadas básicas são as cenas reais que se entremeiam com as visões oníricas — pode ser aplicado a qualquer plano da vida ou do conhecimento humano. Pode ser aplicado ao momento que estou vivendo agora — cada vida humana é um apocalipse, do Império Romano, ao Nazismo e à Terceira Grande Guerra. O próprio autor deixa uma pista, quando descreve a simbologia das 7 cabeças da Bêsta. Diz S. João: "... as 7 cabeças são 7 montes, mas são também 7 reis ...". Para a mesma imagem, duas explicações completamente diversas (nações/homem), entre as mil e uma que ele poderia ter escolhido.

Parêntese: o que digo do Apocalipse pode ser aplicado a qualquer tipo de profecia estabelecida. Apenas me refiro mais ao livro de S. João porque todo mundo tem a Bíblia em casa e pode dar uma lida.

S. João usa símbolos porque o símbolo é a linguagem exata, objetiva, que fala mais ao seu inconsciente liberto que ao seu consciente já padronizado. Você pode sentar, abrir o livro e deixar que as coisas penetrem, então você SENTE que está compreendendo tudo, mesmo que seja impossível explicar até para vo-



cê mesmo. Esta impossibilidade é um mecanismo de defesa, o mesmo que nos faz esquecer determinados traumas de infância. Você passa pela experiência mas você a esquece porque ela foi muito forte, veio muito de repente, você ainda não estava preparado. Se bem que, a maioria da juventude possui certeza absoluta que vai presenciar o Final dos Tempos, o Dia do Juízo: numa pesquisa que realizamos na faculdade de Arquitetura Química da UFRJ, e nas faculdades de Teatro Música da FEFIEG, dentre 156 jovens entrevistados, 85 responderam que presenciarão o Fim do Mundo.

Outro erro muito comumente cometido por aqueles que se propõem a interpretar livros proféticos reside na tendência natural de colocar todas as visões numa ordem cronológica. Ora, uma profecia é um avanço

no tempo, e partindo disto o próprio Tempo tem que ser questionado. No Apocalipse, p.ex., os vários Sistemas apresentados (7 cartas, 7 selos, 7 trobetas, as bestas, etc.) se completam e se interligam entre si. Um não acontece depois do outro, mas ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Unem-se como peças de um grande quebra-cabeças, formando o Sistema Absoluto, o Grande Mecanismo.

É claro que não é fácil encaixar estas pedras, pois o futuro tem que se proteger da interferência do passado. Por esta razão o Apocalipse está tão bem cifrado: mesmo que você consiga vencer todos os bloqueios emocionais e chegar perto do sentido do Livro, só lhe será permitido compreender depois de um longo caminho que começa com a modificação de você mesmo, para que na-

da do que você adquirir possa ser mal utilizado. Mesmo assim é fundamental que você tente sempre que possa, pois é como na alquimia: o processo é tão importante como o fim a ser atingido. E mesmo que as profecias e o Sistema não possam ser completamente compreendidos no final, você terminou andando um pouco mais do que pensava.

#### APÊNDICE: EXEMPLO DE UM SISTEMA NO APOCALIPSE

Os quatro cavaleiros do Apocalipse aparecem na seguinte ordem: Conquista, Luta, Fome & Problemas econômicos, e Morte. Este é o mecanismo de uma guerra, claramente demonstrado através de quatro imagens distintas. O Sistema-Guerra sempre seguirá este padrão, em quaisquer circunstâncias em que possa aparecer.





# O NUMERO E SEUS MULTÍPLAS

por Aristides Albuquerque



Podemos contar com algumas evidências primárias depois do que houve alguma intenção obscura por parte dos redatores do Apocalipse, além de apresentar um texto confuso e misterioso. Em nenhum livro da bíblia, encontram-se tantas referências numéricas indistintamente simbólicas, como no apocalipse.

O número sete é citado muitíssimas vezes, e isto, é claro, se não tem nenhum outro sentido, pelo menos chama muita atenção sobre este número. Há ainda várias citações de um número tão pouco usual como 3 1/2, que afinal é apenas a metade de sete.

Também chama atenção as referên-

cias aos números 4 e 3, muito numerosas e com destaque. Outras quantidades são citadas com muita segurança: o número da besta, 666; os 144.000 selados, as doze portas, duas testemunhas, os vinte e quatro anciãos, etc.

Contemos ainda com a interessante casualidade, de trata-se de um livro de 22 capítulos, e o vigésimo sétimo do novo testamento. Vinte e dois é um número de grande importância mágica, pois é igual a  $7 \cdot 3 + 1$ , e é o número dos grandes arcanos do Tarot, e vinte e sete é três ao cubo, e é também  $4 \cdot 7 - 1$ . Todas estas coisas não se enquadram na nossa visão dos números como quantidades somente, mas tem enorme im-

portância na visão antiga dos números como símbolos mágicos. Na antiguidade, os números não representavam apenas medidas de quantidades, mas representavam também certas qualidades mágicas e símbolos herméticos.

Com o passar do tempo houve alguma confusão a respeito desta antiga técnica, e a numerologia moderna tornou-se uma atividade algo charlatanesca, que atribue aos números certos poderes, quando na realidade eles eram apenas usados como símbolos destes poderes, assim como são apenas símbolos de quantidades.

Assim, se eu tenho sete canetas, não significa absolutamente que ali onde elas estão esteja surgindo alguma vibração com tais e tais efeitos próprios da quantidade sete. Isto é apenas a interpretação deteriorada da numerologia antiga. Se eu tenho sete canetas tenho sete canetas e mais nada. Mas sete significava, além disso, uma outra coisa que não era uma quantidade, assim como por exemplo **canto** pode ser o encontro de duas paredes ou uma arte musical.

A numerologia é portanto algo menos idiota do que os numerologistas procuram fazer crer. É uma linguagem, que permite operar com certos conceitos, cuja exata natureza já nos escapou.

Somente uma pessoa muito estúpida ou tendenciosa, negaria que o apocalipse não esconde nenhuma idéia ou informação cifrada sob a forma de símbolos numerológicos. A profusão algo gratuita com que estes números surgem, sem mais nem que, reiteradamente, com uma copiosidade rara, não pode deixar nenhuma dúvida a esse respeito.

20	13	8
29	21	21
22	11	18
11	19	24
14	18	21
17	18	15
17	20	27

21
----



A compreensão desta simbologia esta fora do alcance das pessoas mas em todo caso não pode ser negada.

Entre os 22 capítulos do apocalipse, encontramos numerosos múltiplos de sete, mais numerosos que poderiam ser por simples acidente. Dividamos os 22 capítulos em três pilhas de sete mais um, o que nos dá  $3 \cdot 7 + 1$ . Esse tipo de arranjo é muito do agrado dos velhos magos. Se contarmos a quantidade de versículos de cada capítulo, e o colocarmos em seu lugar da pilha, veremos que, dos vinte e um números 12 são múltiplos de sete da fórmula  $7n \pm 1$ . Ora, múltiplos desta fórmula, se surgissem por acidente, deveriam surgir na proporção de 9 para 21, e não na proporção de 12 para 21. Há portanto um excesso de 3 múltiplos de sete daquela aproximação (de resto 1 e de resto 0). Os demais números, formam parte do conjunto  $1/2 (7n \pm 1)$ , e se acham na proporção de 8 para 21, quando seriam esperados na proporção de  $5/21$ . Novamente um excesso de 3 números da expressão  $3,5n \pm 1/2$ .

Estes resultados não comprovam nenhuma propositalidade na distribuição dos versículos, mas mostram que, considerá-la proposital não é nenhuma leviandade, e é, pelo contrário uma hipótese trabalhável. O entusiasmo por esta hipótese pode crescer, quando lemos no quarto capítulo, versículo três.

E aquele que estava sentado no trono,  
era no aspecto semelhante ao jaspé e ao sardônio;  
e em volta do trono estava um arcoiris que se assemelhava a cor de esmeralda.

Cada uma dessas pedras preciosas corresponde a um número, respectivamente 1, 6 e 3. Para esta classe de operação numerológica, é preciso uma certa imaginação, que agrada pouco as pessoas de mentalidade científica. Mas o número que esta sentado no centro das três pilhas de sete, 19, que não obedece a nenhuma das duas regras ( $7n \pm 1$  nem  $3,5n \pm 1$ ), pode ser formado com 1, 3 e 6, por exemplo, da maneira  $3 \cdot 6 + 1 = 19$ , ou da maneira  $13 + 6 = 19$ , isto pouco importa. Ora, é mais uma coincidência que o número 19, tão particular entre os demais, esteja situado no centro na

malha, e, no texto, encontremos uma possível referência tão insolita, a êle.

No texto está dito expressamente, que o trono está no centro, e quem se senta nele é o Senhor. Pois bem, dez é o número do Senhor na simbologia numerológica, e  $19 (1 + 9 = 10)$ . Pode-se objetar que esta classe de descobertas podem ser feitas em qualquer grupo de números ou textos. Quem disser isso, que o demonstre.

Os quatro números do grupo  $3, 5n + 1$ , também oferecem algumas manobras interessantes. Esses números são 11, 17, 18 e 24. Podem resultar da soma de duas progressões aritméticas, uma de base 3 e outra de base quatro, ambas com razão 7ª:  $3;10;17;24; \dots$  e  $4;11;18; \dots$  resultando a progressão  $3;4;10;11;17;18;24;25; \dots$  etc. também muito atraente para os sacerdotes feiticeiros. Estes quatro números proporcionam um sem número de operações numerológicas interessantes. Um resultado extremamente curioso se obtém ao aplicarmos o teorema de pitágoras, pois os quatro números formam dois excelentes triângulos retângulos:

$$11^2 + 17^2 = 410 = 20^2 + 10^2$$
$$18^2 + 24^2 = 900 = 30^2 + 0^2$$

O erro na hipotenusa do primeiro triângulo é de apenas 0,6%, e o resto 10, sendo um número notabilíssimo, e perfeitamente aceitável. Outro triângulo da progressão:

$$17^2 + 18^2 = 613 = 25^2 - 12^2$$

tem uma precisão de 0,8%, e novamente o resto é um número notável.

Um terceiro grupo de triângulos surge com as hipotenusas obtidas. Vejamos:

$$410 + 613 = 1023 = 32^2 - 1^2$$
$$410 + 900 = 1310 = 36^2 + 14^2$$
$$900 + 613 = 1513 = 39^2 - 8^2$$

Nenhum dos erros atinge 1%. As suas hipotenusas são três números tidos no maior carinho pelos numerologistas:  $32 = 2^5$ ,  $36 = 6^2$  e  $39 = 13 \cdot 3$ .

O triângulo mais atraente é o triângulo perfeito, formado pelos cate-

tos 18 e 24, e a hipotenusa 30. Dezoito e um divisor de 666 ( $666 = 18 \cdot 37$ ).

Estando ressaltada a importância do número dezoito na progressão, construamos mais um triângulo com êle, e novamente obtemos grande precisão:

$$18^2 + 11^2 = 445 = 21^2 + 4^2$$

Com esta hipotenusa, podemos criar outro triângulo de segunda ordem  $445 + 410 = 855 = 29^2 + 14^2$

Outra relação importante, é

$$18^2 + 19 = 7^3$$
, com a agravante de que  $18^2 + 7^3 = 666 + 1$ , e por outro

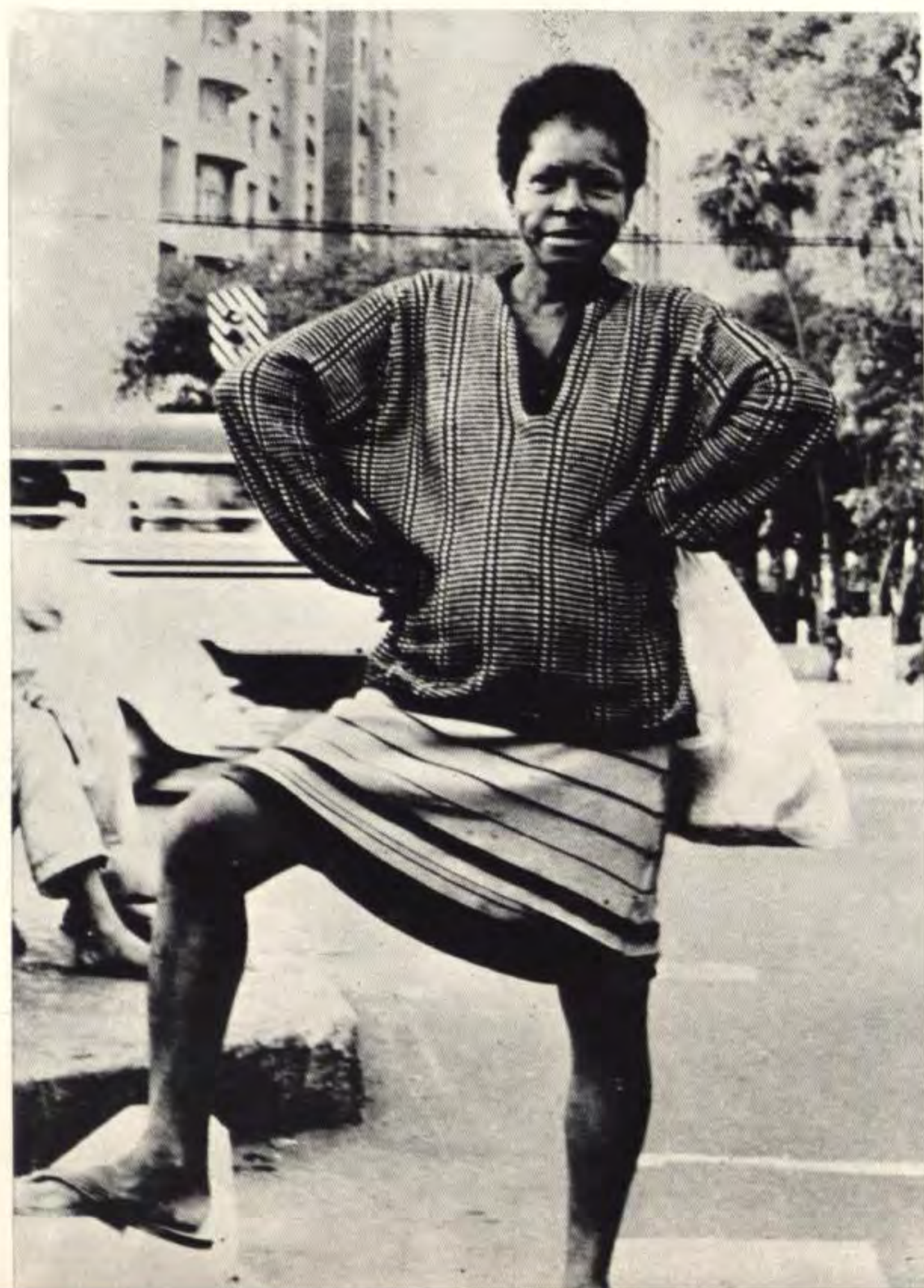
lado  $2 \cdot 18^2 + 18 = 666$ , apenas outra maneira de escrever 18.37. Outra relação curiosa,  $666 + 445 = 1111$ . Uma quantidade enorme de relações pode ser achada com os quatro números 11; 17; 18; 24, e seria demasiado tedioso desenvolvê-las todas aqui, pois tornaria a leitura demasiado enfadonha.<sup>1</sup> Quero apenas mostrar que pode perfeitamente haver algo de proposital nestas coisas, a julgar pela época e pelos seus autores. Um estudo realmente criterioso ficaria a cargo de um especialista sério, na simbologia numérica dos antigos. Possivelmente, esta simbologia no apocalipse, serviria para um rearranjo do texto, com o que se obteria o verdadeiro sentido do livro. Não resta dúvida que a linguagem do Apocalipse destoa do restante da Bíblia, encontrando alguma semelhança somente no livro de Daniel. Como eu já disse, não é possível que seus autores tenham tido a intenção de escrever simplesmente algo obscuro, é quase certo que eles tenham algo a dizer, ou para os cidadãos da época, ou para os de qualquer época. Em algumas passagens, realmente, eles tiveram grande dificuldade em manter o tom sem alterar a estrutura secreta do livro, e foram forçados a alguns malabarismos, que contem possivelmente alguma advertência aos decifradores. Vejam por exemplo, a referência ao quarto cavaleiro. Enfim, eu não sou crente nem mágico, e vejo a numerologia mais como uma técnica antiga de descrição, do que como uma atividade de feiticeiros malandros. Se nós a levamos mais a sério, podemos chegar a ter algumas surpresas.

1. Talvez esses quatro números sejam os "quatro animais viventes" no sentido numérico do texto.



# ALBUM DO JUIZO

**M**athematicarum disciplinarum Janitoris: Habent in hoc volumi-  
ne quicquid ad mathematicam substantiam aspirat: elementorum libros. xij. cum expositione  
Theonis insignis mathematici. quibus multa quae deerat exlectione graeca sumpta  
addita sub nec non plurima subuersa et preposteris: voluta in Capani interpretatione:  
ordinata digesta et castigata sunt. Quibus etiam nonnulla ab illo venerando.  
Socratico philosopho mirando iudicio structa habent adiuncta. Deputa-  
tum scilicet Euclidis volumine. xij. cum expositione Hypsi. Alex. Indep  
et Phaeno. Specu. et Perspe. cum expositione Theonis. ac miran-  
dus ille liber Datoꝝ cum expositione Pappi Mechanici una cum  
Marini dialectici protheoria. Mar. Zaber. Elene. Interprete.  
Cum gratia et Privilegio per decennium.







JOÃO & MARIA



JOSE



MARIA



MARIA



JOSE





JOSE



UMA CRIANÇA & JOÃO



JOSE



MARIA











**2001**







# O OLHO DO BIG BROTHER

Mauro Sá Rego

**"Vi ainda outra besta emergir do mar. Possuía dois chifres, parecendo um cordeiro, mas falava como um dragão. Exerce toda a autoridade da primeira Besta na sua presença. Faz com que a terra e seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada.**

**A todos os pequenos, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita, ou sobre a frente, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aqueles que tem a marca, o nome da besta, ou o número**

## O COMEÇO

Tudo começou com a expansão das vendas à crédito. Com o lançamento do crédito direto ficou bastante difícil evitar os golpes de pessoas desonestas — qualquer pessoa podia abrir crédito numa loja, comprar uma porção de artigos, e depois de pagar a primeira prestação, se mudar para outra cidade ou outro estado. As informações sobre os clientes precisavam ser extensas e de rápido acesso.

Hoje, grande parte das informações para os sistemas de crédito estão centralizadas numa só agência, a Associated Credit Bureau Inc., nascida da reunião de 2.200 firmas, que coleta, troca e vende informações sobre 100 milhões de clientes.

Outra agência, a TRW Credit Data, aumenta a cada semana de 50 mil relatórios o seu fundo de 40 milhões de fichas. Eles asseguram que terão, antes de cinco anos, um relatório confidencial sobre todo americano que tenha algum dia feito compras à crédito. Paralelamente, as agências de emprego e as companhias de seguro de vida e seguro-saúde começa-





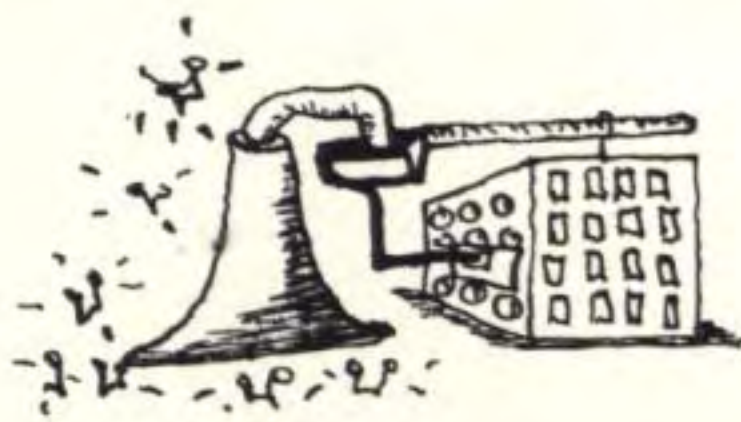
ram a criar serviços semelhantes.

Entre as agências que trabalham junto às companhias de seguro e aos empregadores, a **Retail Credit Company**, por exemplo, já levantou fichas de 70 milhões de americanos. Essas fichas trazem, além dos dados básicos sobre cada pessoa, informações às vezes difíceis de verificar, colhidas de vizinhos, colegas e conhecidos. Tratam desde suas origens raciais, pessoas com que se relaciona e clubes a que pertence até sua história judicial, contas que deixou de pagar, hábitos de consumo de álcool, crenças morais e religiosas e opiniões políticas.

As companhias de seguro de vida criaram o **Medical Information Bureau**. Trabalhando em cinco grandes cidades americanas eles já mantêm fichas sobre 11 milhões de pessoas. Entre outras informações, essas fichas trazem o estado de saúde do segurado no momento, suas viagens, deslocamentos habituais em automóvel, o quanto bebe, e até a situação de seus casos extra-conjugais.

O Exército dos Estados Unidos, além do fichário de rotina de 7 milhões de soldados, com informações sobre sua lealdade patriótica e história judicial, mantém um fichário não-oficial sobre os eventuais pertu-

badores da paz pública e os ativistas políticos em potencial. Todos os meios são utilizados para levantar essas informações, até registro de leitores de livros subversivos nas bibliotecas públicas.



### CENTRO NACIONAL

Foi em 1966 que chegou ao conhecimento do público pela primeira vez um plano para a criação de um Centro Nacional de Dados, que unificaria e standardizaria as informações de todas as agências especializadas.

O projeto — do Bureau do Orçamento Federal — provocou uma tal

reação do público e dos legisladores que acabou sendo abandonado. Mas o americano médio tomou consciência, de repente, de que o Big Brother — o cérebro controlador de "1984" — começava a nascer.

Na escola, na universidade, no exército, no trabalho, em casa, nos mínimos segredos, sua vida era seguida por um olho que ele não via, e em todos os lugares, um relatório trazia informações sobre ele que ele desconhecia completamente. Essas informações é que dariam a última palavra em decisões que afetam aspectos importantes da sua vida; seu progresso no emprego, possibilidades de novos empregos, todo os seus negócios, seguros, etc.

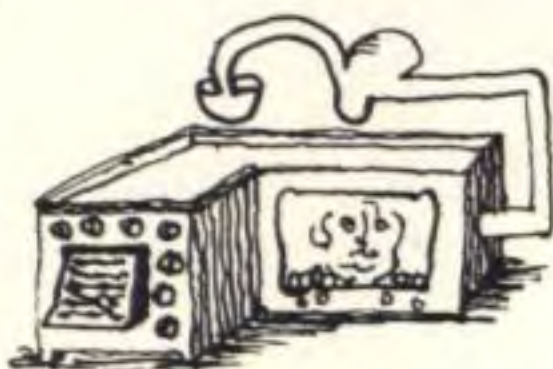
E a idéia do centro nacional não foi esquecida. Em Washington, no ano passado, a NASA assinou um contrato com a firma de informática Honeywell para o desenvolvimento de uma nova técnica de estocagem de informação com o raio laser. Essa

**Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, este número é seiscientos e sessenta e seis."**

**Apocalipse, 13, 11-18**



técnica permitirá que se registre e se obtenha instantaneamente, sobre uma fita magnética de 1.400 metros de comprimento, o equivalente de um relatório de 12 páginas por pessoa sobre cada habitante dos Estados Unidos.



## RECLAMAÇÕES

Com a possibilidade do Big Brother, tomam outra dimensão as reclamações que surgem a toda hora sobre os erros cometidos pelos computadores. Quando um computador — desses pequenos — comete um erro — não é fácil voltar atrás, e no tempo que se leva para a correção, o mal já está feito. Com um único computador central, esse processo se complicará ainda mais.

Os casos de erros são variados. Há o do Sigmund Arywitz, por exemplo — 54 anos, secretário de um sindicato de Los Angeles e com renda anual de 30.000 dólares.

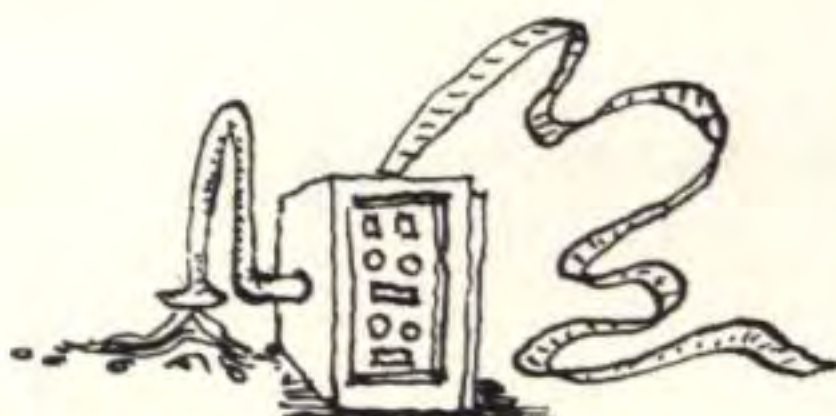
Como secretário do sindicato ele era obrigado a manter muitos processos na justiça em seu nome. O computador então "deduziu" que se tratava de um indivíduo perigoso e anti-social e de um dia para o outro ele teve seu crédito suspenso em toda a área de Los Angeles.

Mike Golfgar, outro caso, era proprietário de duas companhias há nove anos. Um dia, a firma Dun and Bradstreet pôs em circulação informações erradas sobre seu crédito. Ele tentou contornar o problema dizendo em todos os lugares que se tratava de uma vingança contra ele de dois agentes da Dun and Bradstreet mas isso não deu certo.

De cartão perfurado em cartão perfurado, os computadores lhe fecharam portas de todos os seus clientes e fornecedores e uma de suas firmas teve que pedir falência em 1963. Goldgar conseguiu no ano passado uma indenização de 6.610 mil dólares, por perdas e danos, contra a firma, mas sua situação financeira é instável e a Dun and Brad-

street apela novamente à Corte, para manter sua reputação.

Casos como o de Sigmund Arywitz e Mike Goldgar chegaram ao conhecimento do público. Mas centenas de outras pessoas com menos condições financeiras para acionar as grandes agências de informações e manter uma luta prolongada na Justiça, acabam se conformando em silêncio.



## REAÇÃO

Frente a essa situação já começaram a aparecer reações organizadas. A Sociedade Internacional pela Abolição das Máquinas de Tratamento de Informações, por exemplo, fundada em 1967 por Harvey Matusow, tem por fim descobrir maneiras de burlar, bloquear e sabotar o trabalho dos computadores.

Descobrimo-se o código usado pelas companhias de luz, para medir e registrar a conta em cartões perfurados, pode-se obter a devolução de parte do pagamento fazendo novos furinhos no cartão, por exemplo.

Matusow aconselha também os membros da Sociedade a desmagnetizar seus cheques para que os bancos não possam tratá-los automaticamente. Mas todas essas reações ainda estão no nível da revolta dos ludistas, que no início do século XIX, na Inglaterra, resolveram destruir as máquinas para acabar com suas condições miseráveis de trabalho.

Segundo o sociólogo Vance Packard, autor de "A Sociedade sem Defesas" a solução na verdade seria simples: deve-se estabelecer um código mútuo de direitos entre as agências e os indivíduos investigadores: o direito do indivíduo tomar conhecimento do que está escrito em seu relatório; o direito de correção quando necessário; e um regulamento escrito sobre o acesso de pessoas e instituições às informações sobre os outros.

**Em cada patamar, diante da porta do elevador, o cartaz da cara enorme o fitava da parede. Era uma dessas figuras cujos olhos seguem a gente por toda parte. O GRANDE IRMÃO ZELA POR TI, dizia a legenda.**

**George Orwell, 1984**

Mike Golfgar era proprietário de duas companhias, há nove anos. Um dia, a firma Dun and Bradstreet pos em circulação informações erradas sobre seu crédito. Golfgar teve que pedir falência.



BREVES COMENTÁRIOS  
SOBRE OS MANUSCRITOS  
DO MAR MORTO

Otto Kragler





"No que se refere ao valor do Espírito, faço notar que do ponto de vista fenomenal, em que sistematicamente me confino, Matéria e Espírito não se apresentam como "coisas", "naturezas", mas como simples variáveis conjugadas, de que convém determinar, não a essência secreta, mas a curva em função do Espaço e do Tempo".

Teilhard de Chardin

---

Esta ótica teillardiana se aplica não só à interligação metafísica matéria-espírito, quando examinada do ponto de vista quantificável, mas também à ciência social, à história. Precisamente: às origens históricas e místicas do cristianismo.

Os manuscritos do Mar Morto são um dado que esclarece o historiador e o religioso na determinação da curva em função do Espaço e do Tempo.

A partir de 1947, descobertos os primeiros manuscritos hebreus junto ao Mar Morto, tão grande abriu-se o horizonte da história e da religião que poucos souberam, até agora, por em suas mentes tais manuscritos como dados históricos reais.

O espalhamento da descoberta e o conteúdo indólito dos textos não conseguiram ainda vencer a couraça da frieza, às vezes hipócrita, das igrejas e academias oficiais. O fato entretanto é que, das grutas encontradas na

região do Cumram, além de uma dezena de rolos mais ou menos completos foram achados fragmentos de quase seiscentos livros antigos, copiados cerca de 100 AC. Mais grutas e mais manuscritos foram e serão descobertos.

Há exemplares de cada um dos livros do Antigo Testamento, com algumas passagens inéditas, inclusive. O mais importante dos manuscritos entretanto, são outros textos que, apresentando uma homogênea coleção de livros religiosos israelitas, evidenciam tal unidade doutrinária, que nos fazem crer demonstrem o conjunto de idéias místicas sob as quais desenvolvia-se uma seita judaica, pouco antes do nascimento de Jesus.

Tal seita se caracterizava por ser uma ordem secreta, com doutrina, ritos e livros esotéricos, e cuja a problemática estruturalmente cristã é evidente.

Vê-se que o cristianismo não surgiu repentinamente como revelação acabada, mas formou-se paulatinamente ao longo do tempo, como uma verdadeira corrente do pensamento esotérico judeu, eclodindo exotericamente com os envagelhos e a pregação apostólica, passando antes pelos livros dos Macabeus.

A seita do Cumram, que muitos com razão, identificam com a misteriosa ordem essência tinha uma organização semelhante a dos mosteiros católicos redivivos por São Bento: o celibato era aconselhado, a higiene defendida, a roupa sempre branca, a vida profundamente mística e os hábitos de viver comunitários, levando ao desprezo das riquezas terrenas.

Seu principal ato litúrgico era a ceia, onde solenemente tomavam pão e vinho. Denominavam sua ordem ou movimento de "Nova Aliança".

Apesar de divergências secundárias, as idéias da seita do Cumram são exatamente as mesmas do cristianismo, coincidindo entre outras coisas, conceitos e setenças dos manuscritos com passagens do novo testamento. Cristo repete palavra por palavra muitos textos dos livros da Nova Aliança que militava no Mar Morto.

Há evidentemente divergências entre o pensamento convencionalmente cristão e o cumraniano, mas tão irrevelantes que se pode serenamente dizer ou concluir que pertencem, pelo menos, à mesma corrente de idéias.

Suspeita-se que Jesus, apesar de conhecer todas as revelações dos manuscritos, divulgou-os parcimoniosamente, deixando em segredo muito da doutrina, como aliás o próprio

---

**"Quando estava em particular com os seus, eles interrogavam-no sobre as parábolas. Disse-lhes: — É a vós que foi dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas para aqueles que estão fora, tudo se passa em parábolas, a fim de que, vendo, vejam e não percebam e que ouvindo, ouçam e não compreendam . . . É por muitas parábolas deste gênero que Ele anunciava a Palavra . . . Não lhes falava senão em parábolas, mas em particular explicava tudo a seus discípulos"**

(Marcos IV, 10 e seg.)





Isto confirma que, até a tradição profundamente ocultista da seita essênica do Cumram, não foi totalmente quebrada por Cristo, pois ocultou à humanidade muito de sua doutrina.

O mais curioso e o que mais causa perplexidade aos estudiosos, é a vida do Mestre de Justiça, fundador da Nova Aliança (seita do Cumram), que deve ter vivido por volta de 100 AC. Teve uma vida muito semelhante à do fundador da religião cristã. Foi alvo de perseguições político-religiosas e foi condenado à morte.

Da leitura primeira dos manuscritos do Mar Morto podemos portanto tirar entre outras as seguintes hipó-

1 — A seita do Cumram era muito provavelmente essênica.

2 — As idéias do Cumram, como as do essenismo e as cristãs, são praticamente as mesmas.

3 — As vidas do Mestre de Justiça, fundador da seita do Cumram, e a

de Jesus, pelos indícios até agora verificados, e levando em conta os erros muito possíveis de datação (um erro de cem anos pode perfeitamente existir), foram semelhantes e talvez iguais.

4 — Se o Mestre de Justiça viveu realmente 100 anos AC, sem dúvida Cristo seria essênico (do Cumram), ou, tendo íntimas relações com os essênicos, conhecia-lhes a doutrina, pois sua pregação é uma repetição

5 — É estranho que nos evangelhos ou no novo testamento não haja nenhuma referência direta ao Cumram ou aos essênios. (É verdade que o batismo de Jesus no deserto — Cumram — é rito nitidamente essênico-cumraniano). Talvez a ausência de referência direta se deva ao fato da seita ser secreta. Ou que a ausência de alusões mais claras ao essenismo não seja original.

6 — Se o Mestre de Justiça fora Jesus, deveriam haver referências nos manuscritos da Nova Aliança, mais precisas com respeito à pregação Cristã. Deveria haver no Cumram algum livro íntegro com novo novo testamento, ou alguma passa-

gem sobre os apóstolos.

7 — As idéias esotéricas dos manuscritos muito se assemelham ao esoterismo e ocultismo cristão desenvolvidos por uma tradição de padres feiticeiros que persiste até hoje.

8 — Talvez a seita do Cumram fosse tão secreta que quase ninguém além de seus membros mais iniciados a conhecessem, como se pode supor pelo modo que os manuscritos foram escondidos. Nêste caso Cristo poderia ter sido um membro da ordem, sem acesso aos seus mais altos segredos.

9 — Cristo pode ter omitido a seita em suas palestras, porque esta já se achava fora da lei. Assim, também a omissão dos manuscritos com respeito a Cristo e seus Apóstolos, pode-se dever ao mesmo motivo: temor de perseguições mais violentas.

Minha opinião, singelamente, é que o Cristianismo foi uma linha radical do essenismo cumraniano, o que talvez, intuitivamente, sem demonstrações, esclareça todas as dúvidas que se podem ter sobre a questão.

## CLAUDIO E O APOCALIPSE

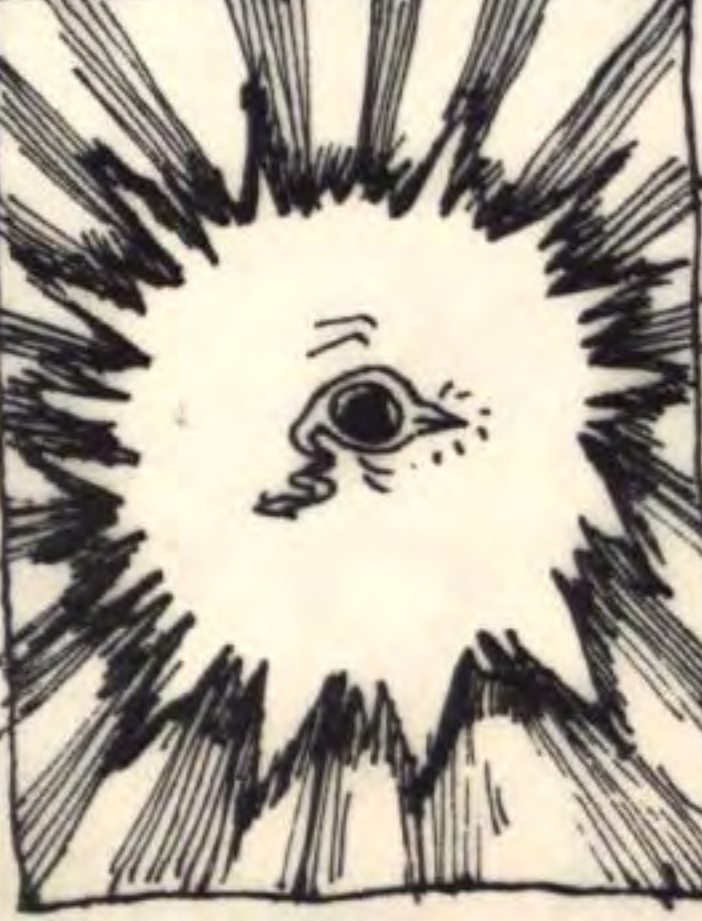




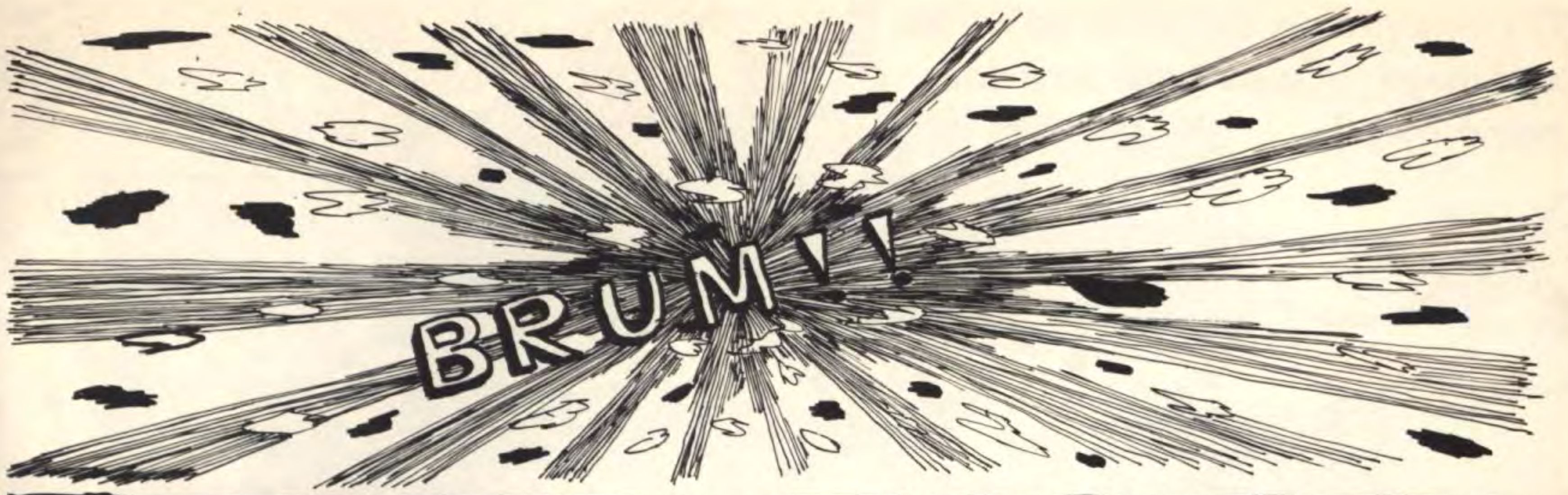
**GOG**  
 DESENHO  
 ADALGISA RIOS  
 BASEADO NUMA HISTORIA  
 DE  
 PAULO COELHO  
 9/72











QUEM APAGOU A LUZ?

NÃO ATIRA!

NÃO FAÇA ISTO

A ESCURIDÃO VAI NOS PERMITIR TUDO

SAIA DAQUI

TIRA A MÃO

A IDADE DA LUZ COMEÇA COM A TREVA

VOCE NÃO É CEGO?

ASSIM MESMO PRESSINTO O FIM DA LUZ!

...O GOVERNO ANUNCIÓ O ABSOLUTO ÊXITO NA DESTRUICÃO DO SOL, AFIRMANDO...

REALMENTE EU ACHO QUE O MUNDO FICOU MUITO MELHOR

COMPANHIA DE ELETRICIDADE

VOVÓ, POSSO BRINCAR LA FORA?

MEU ANJINHO, É MUITO PERIGOSO...



$V_{T^2} = \frac{9}{7} \frac{g}{m} \sqrt{V_T}$

SENHORES! PARECE QUE A DESTRUICÃO DO SOL NÃO RESULTOU EM MUITA COISA!

SOBRARAM AINDA MUITOS SOIS, MUITAS ESTRELAS COM MANCHAS SOLARES!

MAS NÃO DESANIMEM

A CIENCIA PROVU QUE A ASTROLOGIA ESTA CERTA AS CONSTELACÕES INTERFEREM NO COMPORTAMENTO E AUMENTAM A AGRESSIVIDADE. PORTANTO...

.. PARA SALVAR A TODOS

NÓS DESTRUIREMOS O UNIVERSO!



"agora, toma o livro e devora-o.  
Certamente ele será amargo ao teu  
estômago, mas na boca será doce  
como mel."

Apocalipse, 10-9





# TECNOLOGIA DA AUTO-AJUDA

Não há dúvida de que a idéia de enriquecimento pessoal exerce uma atração forte sobre a natureza humana. Keynes, no ensaio que já citei antes, advertia-nos de que ainda não era chegado o tempo de "retornar a alguns dos mais sólidos e firmes princípios da religião e da virtude tradicional — os de que a avareza é um vício, de juro um mau procedimento e o amor ao dinheiro é detestável". O progresso econômico, recomenda ele, só é provável se utilizarmos estes poderosos impulsos humanos, egoístas, justamente aqueles universalmente reprovados pela religião e sabedoria tradicional. A economia moderna é impulsionada por um frenesi de cobiça e se entrega a orgias de inveja, e estas não são características acidentais mas as mesmas causas do seu sucesso expansionista. A questão é se estas causas podem ser eficientes por muito tempo ou se elas contêm em si os germes da destruição. Quando Keynes diz que "o mal é útil e o bem não" ele apresenta uma proposição que pode ser certa ou errada; ou ela pode aparentar ser certa a curto prazo e revelar-se falsa num prazo maior. Qual a verdade?

Há quem deplora insistentemente o irracionalismo e estupidez de homens e mulheres de todas as classes sociais em termos de "se as pessoas simplesmente reconhecessem quais são os seus reais interesses! "Mas porque as pessoas não o reconhecem? Ou porque sua inteligência foi obscurecida pela cobiça e pela inveja, ou porque no fundo de seus corações elas entendem que seus reais interesses estão em outros planos bem diversos. Há um dito revolucionário: Não viverá o homem pelo pão somente mas por cada palavra de Deus.

Novamente chegamos a uma tese do tipo que não pode ser "provada". Mas será ainda nesta altura crível e plausível que as graves doenças sociais que grassam no seio da sociedade rica são um simples fenômeno transitório que um governo hábil poderia superar simplesmente fazendo melhor uso da ciência e da tecnologia ou um uso mais radical do sistema.

A minha conclusão é que as bases da paz não podem ser lançadas pela prosperidade universal, no sentido moderno, porque tal prosperidade, se é que de todo alcançável, só o é pelo cultivo de impulsos humanos tais como a cobiça e a inveja que destroem a inteligência, a felicidade, a serenidade, e, portanto, o potencial pacífico do homem. Talvez homens ricos viessem a cultivar a paz que





homens pobres, mas só se eles se sentissem totalmente seguros — e isto é uma contradição em termos. Sua riqueza depende de uma demanda desordenadamente grande de recursos naturais limitados e portanto coloca-se em órbita de colisão — não principalmente com os pobres (que são fracos e sem defesa) mas com os outros ricos.

#### ESPERTOS DEMAIS:

Em suma podemos afirmar que hoje em dia os homens são espertos demais para conseguir sobreviver sem sabedoria. O dito "o mal é útil e o bem não" é antítese da sabedoria. A esperança de que o cultivo da bondade e da virtude possam ser adiados até que alcancemos a prosperidade universal e que, concentrando-se na caça a riqueza, sem ligar para as implicações morais e espirituais, possamos trazer à paz a terra, é uma esperança irrealista, anticientífica e irracional. A exclusão da Sabedoria da Economia, da Ciência e da Tecnologia foi algo que talvez deu certo por algum tempo, enquanto nosso sucesso foi relativamente pequeno. Mas agora que tornamo-nos muito bem sucedidos, o problema da verdade espiritual e moral desloca-se para uma posição central, isto é, em outras palavras, tornamo-nos espertos demais para sobreviver sem sabedoria. Do ponto de vista econômico o conceito relevante de Sabedoria é a Permanência. Temos de desenvolver uma economia da Permanência. Não faz sentido aquilo que continuando no tempo de em projeções absurdas. Pode haver crescimento em direção a um objetivo limitado, mas não pode haver crescimento generalizado e ilimitado. Gandhi tinha razão quando disse que "a terra pode prover toda e qualquer necessidade mas não toda e qualquer cobiça". Permanência é incompatível com uma mentalidade predatória que exulta no fato de que "o que era luxo para nossos pais tornou-se uma necessidade para nós".

Cultivar e expandir necessidades é a antítese da sabedoria. É também a antítese da liberdade e da paz. Cada aumento nas necessidades tende a aumentar a dependência de coisas sobre as quais não se tem controle, o que aumenta o medo existencial. Somente reduzindo as necessidades pode-se reduzir genuinamente as tensões que são as causas últimas de conflitos e guerras.

Uma Economia de Permanência implica em uma profunda reorientação da Ciência e da Tecnologia, que devem se abrir para a Sabedoria, que devem mesmo incorporar a Sabedoria e suas estruturas. Soluções científicas ou tecnológicas que envenenaram o meio ambiente ou degradaram a estrutura social e o próprio homem, não trazem benefício, seja qual for o brilho intelectual de sua concepção ou a atração que exercem superficialmente. Máquinas cada vez maiores que ensejam uma concentração cada vez maior de poder econômico e que exercem uma agressão cada vez maior contra o meio ambiente, não representam — são a negação da Sabedoria. A sabedoria exige uma nova orientação da Ciência e da Tecnologia no sentido do orgânico, do agradável, do não-violento, do elegante e do belo. A paz como tantas vezes dito é indivisível — como então poderia a paz ser construída sobre uma ciência irresponsável e uma tecnologia agressiva? Temos de procurar uma revolução em tecnologia, que nos dê invenções e máquinas que revertam as atuais tendências destrutivas que são uma ameaça contra todos nós. Que devemos a rigor exigir dos cientistas e tecnólogos? Eu diria que precisamos métodos e equipamentos que sejam:

- a) bastante baratos, sendo acessíveis a todos
- b) adequados a uma aplicação em pequena escala
- c) compatíveis com a necessidade humana de criatividade

Destas três características surgirá a não-violenta e um relacionamento entre homens e natureza que assegure uma permanência. Faltando uma das três, as coisas não funcionarão. Examinemos as três mais detidamente.

Métodos e máquinas bastante baratos para ser acessíveis praticamente a toda pessoa — não há porque supor que nossos cientistas e técnicos não sejam capazes de desenvolvê-lo. Esta foi uma das preocupações de Gandhi: "quero que os milhões de humildes de nosso país sejam saudáveis e felizes e que cresçam espiritualmente. Mas para isto não precisamos de máquinas . . . . Se sentirmos necessidade delas, poderemos tê-las . . . . Cada máquina que ajude as pessoas é bem vinda, mas não aquelas que concentram o poder em poucas mãos e transformam as nossas em mero cuidado de máquinas, se é que não as tornam desempregadas."

Suponhamos que se torne o objetivo declarado dos inventores e engenheiros, observou Aldous Huxley, prover as pessoas com os meios de "realizar trabalhos rendosos e significativos, de ajudar as pessoas a obter independência dos empregadores de modo que possam se auto-empregar ou tornar-se membros de grupos cooperativos autogeridos, trabalhando por sua subsistência num mercado local . . . este novo conceito de progresso tecnológico resultava em uma gradual, descentralização da população do uso da terra, da propriedade dos meios de produção do poder político e econômico". Outras vantagens, ainda segundo Huxley, seriam: "uma vida mais humana e mais satisfatória para mais pessoas, um grau maior de auto-governo verdadeiramente democrático e uma bendita libertação da tola e peniciosa educação para adultos fornecida pelos fabricantes de produtos de consumo em massa por meio da propaganda".

#### CRIATIVIDADE

A terceira exigência é talvez a mais importante das três — que os métodos e equipamentos devem ser tais que deixem margem a criatividade humana. Nos últimos cem anos ninguém se pronunciou com mais insistência e mais fervor sobre estes assuntos que os papas. Que acontece a pessoa se o processo de produção "tira do trabalho qualquer sinal de humanidade tornando-o uma mera atividade mecânica?" O próprio trabalhador é transformado em uma perversão de um ser livre.

"E assim o trabalho físico (disse Pio XI) que mesmo após o pecado original foi decretado pela providência para o bem do corpo e da alma do homem, é em muitos casos transformados em um instrumento de perversão; pois a matéria inerte sai da fábrica melhorada, enquanto os homens são corrompidos e degradados".

Este aspecto é tão vasto que só posso mencioná-lo de passagem. Antes de tudo é necessária uma filosofia adequada do trabalho que encare o trabalho não como aquilo que ele se tornou, uma atividade penosa a ser abolida tão logo possível pela automação, mas algo "decretado pela providência para o bem do corpo e da alma do ho-



mem". Depois laços familiares são os relacionamentos do trabalho que constituem uma verdadeira base da sociedade. Se a base não é sã como o poderia ser as sociedades? E se a sociedade é doente, como poderia deixar de ser uma ameaça para a paz?

"A guerra é um julgamento que se impõe sobre as sociedades quando elas vem vivendo de acordo com idéias que conflitam com as leis do universo . . . Guerras não são catástrofes irracionais? elas ocorrem quando maneiras erradas de pensar e viver criam situações intoleráveis". (Dorothy L. Sayers em "Credo ou Caos?"). Do ponto de vista da economia a nossa maneira errada de viver consiste basicamente em cultivar sistematicamente a cobiça e a inveja e assim acumular um arsenal de necessidades totalmente desnecessárias.

É o pecado da Cobiça que nos entregou ao poder da máquina. Se a cobiça não fosse a dona do homem moderno — hábilmente auxiliada pela inveja — como é possível que o freze do economismo não diminui onde os "padrões de vida" altos são alcançados, e que justamente as sociedades mais ricas é que se esforçam com mais egoísmo pelas vantagens econômicas? Como poderíamos explicar a recusa quase universal de parte dos dirigentes das sociedades ricas — seja as organizadas em corporações particulares ou em corporações coletivistas — em esforçar-se por uma "humilhação do trabalho"? Basta mencionar que algo pode diminuir o "padrão de vida" que logo todo debate cessa. Não negam nem reconhecem — apenas se fecham numa conspiração de silêncio — que o trabalho desanimador, sem sentido mecânico, monótono e imbecil é um insulto à natureza humana que não pode deixar de produzir ou escapismo ou agressão, e que nenhuma quantidade de "pão e vinho" pode compensar o dano causado. Não negam porque seria demasiado e obviamente absurdo, e não reconhecem, porque isto seria admitir que a preocupação central da sociedade moderna é um crime contra a humanidade.

A falta, ou na verdade a rejeição da Sabedoria foi tão longe que a maior parte de nossos intelectuais não tem a menor idéia do que poderia significar este termo. Em consequência, eles sempre tendem a tentar curar uma doença pela intensificação de suas causas. Como a doença foi causada por se deixar que a esperteza substituisse a Sabedoria, nenhuma quantidade de pesquisas espertas conseguirá produzir uma cura. Mas que é Sabedoria? Onde pode ser encontrada? Aqui chegamos ao cume da questão: a Sabedoria é descrita em inúmeras obras publicadas mas só pode ser achada no íntimo da gente. Para ser capaz de achá-la tem-se que antes de se libertar interiormente de certos donos como a cobiça

e a inveja. O silêncio que se segue à libertação — mesmo se momentânea — produz uma súbita compreensão da Sabedoria que não se pode obter por outro meio.

Esta compreensão permite-nos ver o vazio e a insatisfação básica de uma vida dedicada a obtenção de objetivos materiais por conta dos espirituais. Tal sistema de vida fatalmente lança umas contra outras as pessoas e nações, porque as necessidades humanas são infinitas e infinitude é algo que se pode obter só no plano espiritual, nunca no material. Certamente que o homem precisa elevar-se acima deste "mundo" penoso; a Sabedoria lhe mostra o caminho a seguir; sem Sabedoria ele é levado a construir uma economia monstruosa que destrói o mundo, e a procurar satisfações extravagantes como colocar um homem na lua. Ao invés de dominar o mundo aspirando à santidade, ele tenta dominá-lo procurando destacar-se em riqueza, poder, ciência, ou na verdade em qualquer "esporte" que se possa imaginar.

Estas são as verdadeiras causas da paz e é fantasia querer construir a paz sem eliminá-las antes.

Como poderíamos ao menos começar a desarmar a cobiça e a inveja? Talvez começando por nós mesmos, sendo menos cobiçosos e invejosos. Talvez resistindo a tentação de deixar o luxo tornar-se necessidade; e talvez mesmo revendo nossas necessidades e verificando se elas não podem ser simplificadas e reduzidas. Se não tivermos a energia de fazer nada disso, pelo menos devíamos deixar de aplaudir este tipo de "progresso" econômico que claramente é desprovido de qualquer condição de permanência, e dar o apoio que possamos, mesmo modestos, aqueles que, sem medo de serem taxados de loucos, trabalham pela não-violência: concervacionistas, ecologistas, protetores da fama, promotores da agricultura, orgânica, etc.

#### UMA FÉ VIVA

Muitas grammas serão necessárias para construir a base econômica da paz. Onde podemos encontrar as energias para trabalhar contra forças tão poderosas? E principalmente: onde poderemos encontrar a energia para superar a violência da cobiça, da inveja e do ódio que está dentro de nós?

Acho que Gandhi nos deu a resposta: "Tem de haver o reconhecimento da existência de uma alma à parte do corpo, e de sua natureza permanente, e este reconhecimento tem de assumir a forma de uma fé viva; e, em última análise, a não-violência não é assegurada aos que não tem uma fé viva no Deus do Amor.





# OS LIVROS PROIBIDOS DO NILO





*JAMES M. ROBINSON é diretor do Instituto de Estudos sobre a Antiguidade da Claremont Graduate School da Califórnia e foi secretário da Comissão Internacional RAU-UNESCO dos Códices de Nag Hammadi.*

## de "El Correo", da UNESCO

Por volta do ano 400 de nossa era foram enterrados no Alto Egito treze livros que alguém encontrou por pura casualidade há uns vinte anos.

Nada se sabe de modo direto acerca de quem enterrou essas obras, e nem são muitos os dados relativos a quem descobriu os treze livros. Mas as hipóteses geralmente aceitas a respeito são mais ou menos as seguintes:

Há uns vinte anos, Jean Doresse, membro do Instituto Francês de Arqueologia Oriental do Cairo pode graças a sua iniciativa e sua tenacidade, dar no lugar exato onde se havia dado o descobrimento. Os Códices acabavam de fazer sua aparição no mercado de antiguidades do Cairo. O governo egípcio comprou os manuscritos em 1951 e os depositou no Museu Copto, o qual encarregou Jean Doresse que efetuasse as necessárias pesquisas. Este organizou um pequeno "safari" no deserto e chegou ao lugar onde, ao que parece estiveram enterrados os manuscritos: um cemitério da época romana perto da atual cidade de Nag Hammadi, junto ao povoado de Hamra Dom.

O cemitério estava encravado numa franja do deserto de apenas cem metros de largura, encaixada entre a massa de vegetação fecundada pelo Nilo num acantilado vertical. Ao pé desse acantilado existe umas grandes rochas caídas pelas quais se pode subir como se por um plano inclinado, muito irregular, desde a base até o começo da parede vertical do acantilado, a uns dez metros sobre o areal.

E nessa altura perfeitamente acessível foram escavadas covas no tempo da sexta dinastia. Algumas delas nunca terminaram, outras serviram

como lugar de sepultura e existe uma que tem pinturas e esculturas como as que se podem ver nas tumbas dos faraós. Mas não houve nenhuma que escapasse do saqueamento naquela época remota; eis porque no século IV depois de Cristo constituíam simplesmente um conjunto de covas resguardadas do calor e muito indicadas como moradas para eremitãos.

Que foram habitadas por monjes nos indicam as toscas pinturas que adornam seus muros. Em algumas delas aparecem grandes cruces. Em uma delas se vê um grande texto onde se percebe o número de ordem e palavras iniciais de toda uma série de salmos do antigo testamento, para recordar talvez, ao monje o salmo seguinte ao que acabava de recitar em sua reza cotidiana. Em uma cova se lê uma loa a Zeus Serapis, sinal de que nela vivia um santo que não era cristão (ou pelo menos não era exclusivamente cristão).

Os habitantes dessas covas podiam contemplar a seus pés o cemitério onde um dia haviam de enterrá-los. A certas pessoas veneradas se enterrava com um livro, já que na antiguidade era mais frequente que agora o costume de oferecer aos mortos em sua tumba as coisas que possuíam em vida.

Caberia também pensar, por analogia com o caso dos manuscritos do MAR MORTO, que os Códices de Nag Hammadi foram enterrados para serem protegidos da destruição quando a perseguição se abatia sobre

os monjes e a ameaça de extinção parecia iminente. De resto, diversas alusões aos códices parecem apoiar essa hipótese.

Esses tempos de perseguição coincidiram por sua vez com o final do século IV. E naquela época o Império Romano era oficialmente cristão, e oficial é neste caso ortodoxo. Por isso os bispos podiam impor, e de resto impunham, que a condenação das opiniões heréticas fosse lida em todas as igrejas e mosteiros, e a eficácia da administração provincial romana podia dar uma terrível aplicação a tais denúncias.

E o caso que precisamente nesse mesmo recanto do Nilo que faz de Nag Hammadi uma Zona cultivável mais extensa que o normal, nasceu em meados do século IV, todo o movimento monástico cristão. Um jovem monge chamado Pacomio foi o primeiro que congregou os eremitãos em uma comunidade monacal, em um mosteiro.

Com o transcurso do tempo esses mosteiros, edificadas na próspera região fecundada pelo rio, deveriam parecer demasiado cómodos, demasiado mundanos em comparação com a vida solitária e mais austera dos venerados santos de então. Parece confirmar essa idéia, o clero das grandes cidades começam a fiscalizar a atuação dos monjes, chegando inclusive a considerar como hereje aos mais espiritualistas entre eles, e efetivamente os códices são testemunho de uma religiosidade mais espiritual, mais voltada a outra vida, que os cristãos oficiais daquele tem-





Nos encontramos assim com um novo testamento menos ortodoxo que os textos canonicos compilados pelos padres da igreja. Uma das razões pelas quais estes ultimos incluíram no Novo Testamento alguns dos textos canonicos tardios, é que essas obras superavam de resto os livros e tradições mais antigas (tais como as palavras de Jesus, as Epístolas de São Pedro, e o Evangelho de S. João), dando uma interpretação ortodoxa isenta de toda ambiguidade. Aos primeiros textos só recorriam os herejes.

Assim pois o que parecia a primeira vista um poeirento achado arqueológico, proveniente de uma época imprecisa e de um lugar bastante obscuro, redigido em língua muito pouco conhecida, resulta ser toda uma biblioteca. Esses livros formam parte da literatura grega, origem de quase toda nossa herança clássica, e foram escritos em diversas regiões do mundo antigo, desde o Egito até a Síria, abrangendo um período histórico que se remonta até a época do Novo Testamento, retomando o fio das seitas dissidentes onde haviam deixado os Manuscritos do Mar Morto.

Com efeito os mais recentes desses manuscritos datam quase do ano 70 de nossa era, data que o monastério essenio desapareceu como resultado da rebelião judia. Por sua vez o texto mais antigo de Nag Hammadi (A Revelação de Adám) é o 1º século AC. E do mesmo modo que os manuscritos do Mar Morto nos informam acerca de um judaísmo dissidente que mais tarde foi extirpado, os de Nag Hammadi nos falam de um cristianismo dissidente, em vez das dissidências judaicas.

Justamente, o caminho "rolo" ao "códice" (que é um livro formado por páginas unidas como os que conhecemos hoje em dia), equivale a transição entre os "manuscritos do Mar Morto" e os "códices de Nag Hammadi".

Comprovamos que essa biblioteca é muito mais variada do que se supunha em princípio. Geralmente é considerada como de inspiração "gnostica", nome com que se conhece uma forma de religiosidade especulativa, espiritualista e orientada à

outra vida que invadiu o mundo antigo nos primeiros tempos do cris-

Podia-se pensar que o "gnosticismo" foi uma deformação do cristianismo, e dizer que teve uma origem cristã e foi uma heresia essencialmente cristã. Os estudos mais recentes tem mostra que os **agnosis** teve uma difusão muito mais ampla e uma origem provavelmente remota para justificar essa filiação.

Em tais condições, nada mais natural que retirar-se voluntária ou involuntariamente evoltar às covas do deserto. E é muito provável que esses monjes heréticos tenham levado consigo os livros demasiado espiritualistas e heterodoxos em que se haviam inspirado.

Esta reconstituição do modo em que foram enterrados os livros não passa de uma simples conjectura, e parece sem dúvida mais verdadeira que as outras hipóteses, por exemplo, a que afirma a biblioteca não foi reunida por um grupo herético e sim por um cristão ortodoxo que se dedicava a caça de herejes e que buscava documentação para suas polemicas e ao mesmo tempo pretendia eliminar da circulação todos aqueles textos perniciosos. Na realidade, o procedimento que se seguia normalmente naqueles tempos para suprimir os livros proibidos consistia em queimá-los. Em troca, ocultá-los em uma cova seria uma forma de conservá-los.

Uma das razões porque sabemos tão pouco sobre a pessoa ou pessoas que enterraram os códices é que quem os usou por último, não são os mesmos que o escreveram. E no trabalho de copiar os treze livros que haviam chegado até nós participaram de cinco a dez copistas. E muito raramente trabalhou mais de um deles em cada livro.

Assim portanto, não há porque supor fervorosamente que os treze livros foram transcritos por um só grupo. De fato, tudo faz pensar que inicialmente a biblioteca não foi concebida como um todo e sim como uma série de livros independentes ou de pequenas coleções. Foram utilizados dialetos distintos, pelo

que se pode deduzir que alguns dos treze livros não procediam da mesma região que os demais. E o fato de que haja numerosas cópias de uma mesma obra em diferentes livros leva-nos a deduzir que não pertenciam originalmente a mesma biblioteca. A Bíblia por exemplo só tem uma versão de cada um dos textos.

É então evidente que os autores dos códices não se copiaram uns aos outros. A realidade é que trabalhavam independentemente, cada um por sua conta. Segundo todos os indícios, uma série de livros foram entregues a um indivíduo ou a um grupo e só então passaram a constituir uma biblioteca.

O mesmo que acabamos de indicar a respeito das transcrições chegadas até nós parece poder aplicar-se a fases anteriores da biblioteca, a sua pré história, por assim dizer. Cada livro é na prática um volume de textos compilados, que não tem o mesmo autor e nem sequer a mesma origem no tempo e no espaço.

De fato, parece que os códices, que estavam escritos em copto foram traduzidos do grego (o copto é uma língua derivada da antiga língua egípcia). E as traduções estavam ainda menos unificadas que a cópia. Cada copista traduzia um livro completo; em troca, os diferentes textos de um mesmo livro parecem haver sido traduzidos por várias pessoas.

O que as fontes nos dizem é tão escasso, que pretender recorrer a elas para explicar os manuscritos coptos equivale quase a pretender iluminar uma zona de penumbra projetando sobre ela uma sombra.

Porém por outra parte esse descobrimento projetará uma luz nova sobre o cristianismo ortodoxo, com o qual os manuscritos coptos polemizam a miudo. Por exemplo, os documentos de Nag Hammadi não somente citam o Novo Testamento em apoio de suas teses, como conservam, ainda que em forma exagerada ou deformada, algumas tradições cristãs primitivas que foram desaparecendo gradativamente do mundo cristão ortodoxo . . . talvez precisamente porque essas idéias haviam desembocado na heresia.



# ASTRONOMIA

Nós sabemos que não é normal, que uma pessoa contemple o céu estrelado, ou olhe demoradamente para a lua. Olha-se o céu com a finalidade extremamente prática de saber se amanhã fará bom tempo, se o cristo está coberto, ou se há nuvens no sumaré.

Eu não vou tentar convencer ninguém, de que uma observação metódica do céu seja sempre apaixonante, ainda mais aqui, onde afinal pouca gente sabe achar o cruzeiro do sul. Todavia, quem pode negar que é interessante saber, por exemplo, que a constelação que está passando pelo meridiano a meia noite é sagitário, e a estrela extremamente brilhante que se vê nele é o planeta júpiter, com seus doze satélites, dos quais quatro são visíveis com um binóculo vagabundo, e dois são do tamanho do planeta mercúrio? Quantas pessoas sabem que Venus tem fases como a lua, e está agora em pleno minguante?

Quanta gente sabe, que muitas das estrelas do céu são múltiplas isto é, duas ou mais estrelas girando uma em volta da outra como a terra em torno do sol? E apenas devido a grande distância, que nós vemos uma estrela só onde na realidade há duas, três, ou mesmo meia dúzia!

Algumas destas estrelas, nem sequer são estrelas, mas nuvens delas, extremamente distantes, onde se podem contar 100 000 estrelas individuais! Uma dessas nuvens é facilmente visível, chamada ômega do Centauro (mas onde fica ômega do Centauro?) Outra na constelação do Tucano, outra em Hércules, há quatro no Serpentário, e outra nos Cães Caçadores (Mas onde fica tudo isso?). Há estrelas que apagam e acendem, e ninguém sabe disso! Periodicamente elas brilham intensamente, e voltam a apagar, ciclicamente, como uma respiração. Observem por exemplo, a estrela ômicron da constelação da Baleia (onde fica?). E quem já viu, próximo a estrela nu Andromedae, a imensa nuvem, com duzentos bilhões de estrelas, que é uma galáxia como a nossa? Há coisas incríveis a serem vistas no céu. Aliás, pedimos as autoridades, que reduzam a iluminação das ruas nos dias limpos, para que possamos contemplar melhor estas coisas. Pelo menos a partir das 22h.





# RELATÓRIO 1PVML/3

Por volta do segundo período, fim dos mil anos posteriores ao aparecimento do Filho, era necessário começar a Festa e para isto veio a primeira Imsta formada de um combustível líquido natural, composto quase exclusivamente de hidrocarbonetos, que se encontra formando grandes depósitos de grande extensão nas camadas mais profundas do Planeta.

Os seres vivos, apesar de sorrirem, muito se espantaram com sua aparição: O dia nascia vermelho e com tal densidade de cristais no espaço que a intensidade da luz cegou muitos deles. O caminho da praia cobriu-se de corpos inertes, de matéria em decomposição; os ruídos vindos do mar, fizeram os seres chorar, a água lavava os cristais do vapor das camadas mais baixas e mais luz era emitida através deles. Os que conseguiram chegar jogaram-se nas areias exaustos e após soar a sétima trombeta, viram emergir do mar Grande Imsta I. Dez chifres de metal foram colocados nas profundezas do mar com apenas os vinte últimos metros visíveis, cada um possuía sua marca em uma fibra branca onde estavam desenhados os símbolos das dez raças sobreviventes a fibra era chamada: Diadema.

Tudo estava marcado, o dia, a hora e o ponto geográfico da sua criação. No entanto, tudo deveria acontecer como se fosse um produto do acaso, para que as civilizações posteriores pudessem aprimorá-lo, e se cumprisse tudo que estava escrito.

A peça era simples, de forma circular e própria para mover-se em torno de um eixo. Era o início dos tempos. Início da preparação da grande festa.

Recordo-me agora da fala da ser-

gente no volume três dos manuscritos: Não comereis de toda árvore de jardim?

Sim, a peça circular era a grande alternativa. Para os habitantes era uma questão de tempo, espera. No Universo porém, a obra da criação estava completa: Era o sétimo dia e o Criador descansava neste dia.

Os habitantes se desenvolviam, tratavam lutas incríveis com os elementos e fenômenos. Reuniam-se em grupos e iniciaram a construção da Babel City, venciam todos os problemas técnicos que lhes eram apresentados pela peça simples aos domingos. Dia desde o início marcado para ser realizada a emissão de ondas do seu corpo para os corpos dos habitantes.

O transporte até a praia foi feito através de sete lentes côncavas, todas iguais, de raio de curvatura de 100 metros cada lente, e cada eixo principal seguindo um caminho preestabelecido pelos encarregados de tal tarefa. Os cálculos relativos à determinação da direção da luz incidente, distância focal, magnitude, também haviam sido feitos.

O movimento das lentes sob as águas começava e os seres vivos tiveram a Grande Visão: um monstro incrível surgia sob suas cabeças, era semelhante ao leopardo, com pés como de urso, e boca como boca de leão.

Alguns historiadores esclarecem que tal fenômeno óptico foi trezentas vezes superior em dimensão, intensidade de cor, movimento, variedade de coloração e profundidade — ao que havia sido previsto pelo Computador LMXIX. Uma das teorias a respeito é de que a liga dos elementos que entraram na fabricação das lentes côncavas não tenha sido tão per-

feita como se esperava. Outra teoria aconselha a possibilidade da reação de choro dos seres vivos não ter interferido o suficiente para que o ponto negro do órgão da visão desaparecesse e, neste caso, tenha sido realmente uma interferência mais direta do Filho, uma dádiva.

Cada uma das lentes flutuantes tinha inscrito sob o metal o que se denominava: Nome de Blasfêmia, considerada síntese sob a qual se baseava cada raça para sua estruturação, tanto em nível, raciocínio, atitudes, métodos de ação, comportamento nervoso, seria em nosso entender: uma síntese cultural, um método a ser aplicado e uma proposição.

Houve desespero, dor, sofrimento, houve alegria, esperança e sorrisos quando se aproximaram da praia. Os habitantes gritavam em coro: Quem é semelhante à Grande Imsta I? quem pode pelear contra ela? E grande autoridade lhe foi dada pela Peça Simples que, a partir daí deveria existir apenas como um complemento da Grande Imsta I. Seu tempo ficou estabelecido para 42 tempos.

Como da primeira vez, o sinal chegava em estado bruto e a substância deveria ser trabalhada para que se cumprisse o que estava escrito: à Grande Imsta I fica a função de iniciar a poluição do ar que os habitantes utilizam, difamando desta forma o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. Foi encarregada também que lutasse contra todo aquele que escolhesse ser santo e os vencesse. E foi dito: adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida.

O único documento gravado, pequeno rolo de metal, foi encontrado na região leste e dizia o seguinte:





"1 — Meu irmão, você vestiu sua fantasia colorida antes do dia nascer e saiu as ruas sorrindo para entregar dez ou quinze horas do seu dia à Máquina. Você está abençoado.

2 — Meu irmão, você se tranca em uma sala sem janelas e mastiga ar poluído, respira vapor de sangue, submete-se as pressões da bolsa de valores, cobre o pulmão de fuligem. Lembre-se de onde caiu, arrepende-se e volte à prática das primeiras obras. Tem a seu favor que odeia as obras da Máquina que eu também odeio.

3 — Meu irmão de rosto descolorido pela comida enlatada, de olhar amarelo, cabelo de palha seca, pele de areia e camisa branca de colarinho engomado. Você já suportou muitas provas, mas existe algo contra você: abandonou o primeiro amor.

4 — Irmão de corpo mais pesado que o ar, vida mais pesada que o corpo, de corpo que produz pão, leite, jornal, sabonete, casas, cidades, países. Seja fiel até a morte e lhe será dada a coroa da vida. O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte.

5 — Irmão que volta, fantasia rasgada, seis horas, sinal fechado, necessidade de criar, solidão absoluta no apartamento, pequena fração de espaço para seu largo coração, ruído, televisão. Você perdeu o referencial de gravidade, compre uma patinete para seu caminho de volta.

6 — Irmão que atravessou os sete anos de escuro total, de desespero e se mutilou atravessando caminhos de impotências, mortes, sangue, caminho vermelho e sem luz. Ao vencedor será dado do maná escondido, também uma PEDRINHA BRANCA e, SOBRE ELA UM NOME ESCRITO. Um nome novo que ninguém conhece, exceto aquele que a recebe."

Admite-se que exista uma relação entre a Pedrinha Branca e o Livro da Vida, se bem que nada de realmente concreto tenha sido ainda aberto.

Os habitantes do Planeta a partir daí renovaram suas forças na cons-

trução da Babel City. Construíam-se volumes com paredes, que deveriam dividir o espaço e reduzir, cada vez mais a área de circulação dos seres viventes e com isto acelerar a chegada da Grande Festa. Todo o sistema de sobrevivência dos habitantes tornou-se — totalmente dependente da construção constante da Babel City e também nisto a Grande Festa foi determinante. Graças as propriedades do seu combustível, diminuíram-se as distâncias entre os agrupamentos de seres viventes, facilitou o transporte e a locomoção. Nesta dinâmica construtiva os habitantes substituíram a troca direta com a natureza do Planeta, pela troca com elementos que eles mesmo fabricavam, o que constitui em grande pecado de idolatria, necessário à Grande Festa. A assimilação das dimensões maiores e mais distantes só viria posteriormente.

"... as massas que hoje em dia convergem em direção a cidade encontram a terra dividida em pequenos lotes, para compra ou aluguel. O problema complica à medida que as pessoas correm para as cidades muito mais depressa do que as indústrias podem absorvê-las."

Tanto o documento acima, como o anterior foram traduzidos pelo processo: Elemento Vogal Pensado. Consiste na repetição de cada som, através da assimilação da vibração da marca impressa. Transmite-se esta vibração e o próprio cérebro determina o ritmo.

No entanto, algumas vibrações não foram identificadas, tais como: fantasia, fuligem colarinho engomado, pão leite sabonete e outras. Espera-se um bom adiantamento nos trabalhos antes que se verifique o próximo eclipse do sol.

Continuando, a Babel City crescia. Em vários pontos ela surgia com as formas pouco diferentes, numa tendência sempre para um maior crescimento vertical que horizontal até que se tornou covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de toda espécie de ave imunda e detestável. Com ela se prostituíram os reis do Planeta e, se enriqueceram à custa da sua luxúria e dos sub-pro-

duto do combustível da Grande Imsta I.

Neste período surge, do acasalamento da Peça Simples com a Grande Imsta I, o Grande Sub-Produto ou, A Grande Imsta II que deveria possuir toda a autoridade da primeira e governar na presença dela. Seu conteúdo era complexo e deveria abranger todos os elementos possíveis do Planeta e estar sempre em aperfeiçoamento. O último espécime denomina-se Comptor LMXIX, localiza-se exatamente no ponto de encontro das três linhas que, em nossos mapas têm número seis. Realmente, foi necessário justapor três mapas de dimensões diferentes para determinar sua localização.

Neste período verifica-se também, como principal meio de expressão e comunicação a Propaganda. Futuramente será enviado o processo de desenvolvimento de tal fenômeno preparativo da Grande Festa.

A partir do seu nascimento inicia-se a Biblioteca do Planeta. Tudo a partir daí é classificado, para cada objeto um grande livro de marcas. Tudo que existe no Planeta é entregue ao Comptor LMXIX, ou a algum dos seus auxiliares e em frações /tempo obtém-se todas as combinações possíveis. Inclusive, nesta época, todos os habitantes foram marcados e, para cada um existia também um livro de marcas. Sobre a mão direita, ou sobre a fronte. Impôs-se a Lei das Marcas: ninguém poderia comprar ou vender se não tivesse a marca, um dos auxiliares do Comptor consigo ou o número do cartão que o identificava como habitante e no qual estavam suas impressões digitais.

Observação: o Comptor LMXIX que surgiu do acasalamento da Peça Simples com a Grande Imsta I possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como Dragão.

Sua presença por ocasião do aparecimento da Grande Imsta I é perfeitamente lógico quando verificamos que os acontecimentos da Grande Festa tem um processamento cronológico diferente do processo cronológico usual.

Conclusão Relatório 1 — A Grande Festa começou no primeiro domingo da Criação.



**PROCURA-SE**

**O CARRO**

**DO**

**FUTURO**





## CONFORTO SEM FUMAÇA

O automóvel do futuro não tem caixa de marchas. Não há nada mais antiquado no automóvel, que esta engenhoca e caríssima e complicada, cujos enguiços dão tanta enxaqueca e saem sempre pelos olhos da cara. Nada no automóvel atrapalha tanto o principiante, quanto conjugar esta alavanca artritica e o seus auxiliar indispensável, o pedal de embreamento. O carro do futuro não terá estas coisas, e qualquer pessoa com uma hora de prática poderá dirigir razoavelmente. Esta complicação mecânica deve-se apenas as miseráveis limitações do motor a explosão interna, e este já está com um pé na cova.

O automóvel do futuro também não tem carburador. O carburador é uma peça extremamente crítica, que necessita regulagens enroladas, afoga, entope, e tem um rendimento muito baixo. Um defeito nêle pode determinar um gasto adicional, um dia de oficina e um fim de semana perdido. Ele tem uma centena de pinos, e alavancas, e bóias, e molinhas, e canalículos entupíveis, e valvulzinhas delicadas, coisas que emperram, e juntas que vazam. O carburador é uma porcaria que complica a mecânica do passeio, e é o primeiro elo na cadeia da poluição da atmosfera. O automóvel do futuro não tem ignição. Nada de rotores e platinados, e nada de jôgo de velas e dínamos potentes, e bobina. Rotores e platinados atrasam e adiantam, saem do ponto, com resultados catastróficos para o rendimento do carro. Eles se gastam e tem que ser trocados, com mais um gasto de manutenção e mais uma dor de cabeça. Nada dessas malditas velas que se enchem de carvão e param de funcionar, e tem que ser tiradas e lixadas e calibradas. E, naturalmente, substituídas periodicamente. O carro do futuro não tem platinado, nem distribuidor, nem bobina nem jôgo de velas.

O carro do futuro não tem tanque de gasolina, que ocupa tanto espaço útil, nem cano de escape. Não precisa do silencioso, porque não faz barulho nenhum. Também não tem bomba de gasolina, nem filtro. O combustível vai sozinho para o motor. Se a bateria arriar, não é preciso empurrar: basta ter fósforos. Não produz monóxido de carbono, nem fuligem. Ou seja, o carro do futuro não fede.

Ele não perderá potência para dar tôdas estas vantagens. A esta altura,

as pessoas podem imaginar, que o carro do futuro será uma tartaruga, e que nós deveremos desistir da rapidez para não poluir. Bobagem. Ele será muito mais potente que o carro a gasolina. Um volkswagen comum adaptado, fica com a desmesurada potência de 160 HP. Podemos retirar dois cilindros, reduzindo o consumo e a complexidade mecânica (sem falar no preço da unidade) e ainda temos 80 HP. Um modelo experimental, venceu a corrida de Indianapolis, cinco voltas na frente. Tinha seis cilindros e 2000 HP!! O carro do futuro não envolve nenhum novo conceito de mecânica, nenhuma descoberta recente e sensacional da engenharia ou da física. Qualquer pessoa pode compreender perfeitamente seu funcionamento, com muito maior facilidade que um motor a gasolina. Qualquer mocinha pode desmontá-lo e montá-lo com algumas instruções elementares, mas é bem provável que nunca tenha de fazê-lo, pois é quase impossível que êle enguice.

Já existem vários protótipos desta maravilha, inclusive no Brasil, onde um centro especializado e um inventor apaixonado estão fazendo experiências com bons resultados. As companhias de petróleo estão assustadas com este poderoso inimigo, que reaparece depois que a indústria automobilística entrou por um caminho errado há 70 anos.

O carro do futuro é a vapor! Nada de carburador, caixa de marchas, escape, silencioso, bobina, vela, platinado, fiação, barulho, fumaça, distribuidor, regulagens, filtro de ar. Nada dessa delicadeza, desse organismo complexo cheio de pontos fracos. O motor a vapor é apenas um motor, bruto e forte, que movimenta o carro e você esquece dêle. É êle que vai vencer o petróleo e a fumaça.

O motor a vapor consome gás butano, que pode ser obtido em bujões. Uma viagem rio-são paulo, não chega a consumir um bujão inteiro dos menores: êle pode rodar oito horas a 100 km horários sem reabastecimento.

O freio motor não tem igual. Se levantarmos o pé um pouquinho, a velocidade do carro diminui prontamente. O motor a vapor é bem amarrado. Tirar o pé bruscamente é quase como freiar. Ele sobe, desce e faz curvas, sem precisar de reduções. Ultrapassa usando só o acelerador. Dirigi-lo é como andar de bicicleta: as coisas acontecem da maneira natural.

Se o manômetro mostra que o gás está acabado, você para e troca o bujãozinho (que é daqueles bem pequenos), e se quiser, sempre haverá lugar na mala, para mais um ou dois, levando sua autonomia para milhares de quilômetros, ou meses na cidade.

O aperfeiçoamento das técnicas metalúrgicas e do contrôle do calor, permitiram construir caldeiras seguríssimas, que são do tamanho de uma pasta 007. O motor com sua caldeira ocupa menos espaço que o motor a gasolina sozinho. Tudo o que voce tem que fazer, é trocar a água — apenas dois litros — a cada 2000 km, pois um sistema de condensador reaproveita continuamente o vapor, aumentando a eficiência e evitando que você saia por aí, soltando fumaça como uma locomotiva.

O motor trabalha e ninguém vê. Se a caldeira mostra qualquer defeito, pode ser trocada em dez minutos, como se fôsse uma bateria.

Para cúmulo, o motor a vapor, não tem arranque. O sistema elétrico se reduz a uma bateria e um dínamo para o sistema de iluminação, o rádio, e para acender eletricamente a caldeira. Você entra, vira a chave e aperta um botão. A caldeira acende, e as válvulas de gás se abrem eletricamente. Espera dois minutos, para que a água toda ferva, pisa no acelerador e vai embora. Para dar marcha a ré, não é preciso caixa de marchas: uma alavancuzinha no painel inverte o sincronismo das válvulas e o carro anda para tras! Se a bateria arriou, abra o capô, e acenda-o com um fósforo, como se fôsse o aquecedor do banheiro.

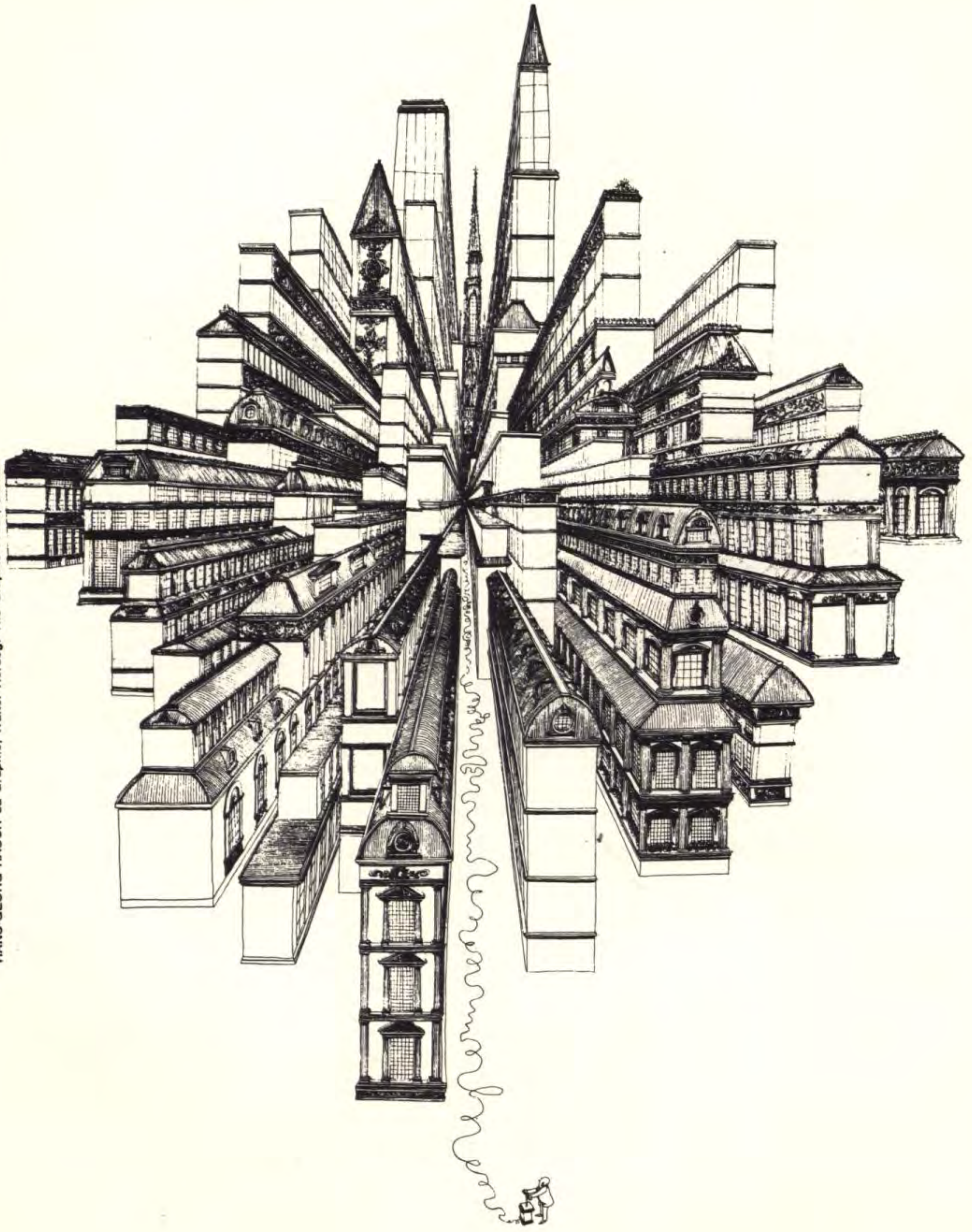
Aí está o carro do futuro. Ele praticamente já existe e eu quero um. É menos fumaça, menos fedor, céu limpo e saúde. Talvez, devido a este pequeno atraso na partida, o corpo de bombeiros e as ambulâncias continuarão a usar o motor a gasolina, mas logo se encontrará uma caldeira superveloz, e o motor a gasolina irá para o museu.

E as refinarias serão abandonadas, como fábricas infernais de veneno.





HANS-GEORG RAUCH da Graphis, Walter Herdeg. The Graphis Press, Zürich





# A POMBA

mudou que só vendo







# PIPOCAS

é um jornal  
que a gente tá fazendo  
pra todas as pessoas  
que ainda estão a fim  
de brincar

OLHA AI!  
TÃ NAS BANCAS.

Jornal Infantil Quinzenal